

PINGO DE LÁZAR



OS MONTANHEIROS
SOCIEDADE DE EXPLORAÇÃO ESPELEOLÓGICA

ILHA TERCEIRA - AÇORES NÚMERO 27

BOLETIM INFORMATIVO

MAIO 1994



"Vale dos Leões"

SUMÁRIO:

NOÇÕES DE TOPOGRAFIA ESPELEOLÓGICA - O ALGAR DO CARVÃO E A PRESIDÊNCIA ABERTA -
VULCANOLOGIA - O SERTÃO TERCEIRENSE (" Os Trilhos da Ilha ") - BIBLIOGRAFIA - ROTA DO AÇOR (" A
Costaneira ") - MONUMENTO (" Os Montanheiros e a Natureza ") - BEMFEITÓRIAS - ROTA DO AÇOR (" Vale
dos Leões ") - DOCUMENTOS VIVOS - FRAGMENTOS - GRUTA DO CHOCOLATE (Ilha Terceira) - RECORTES
DO ALBUM - ÚLTIMO PINGO.

NOÇÕES DE TOPOGRAFIA ESPELEOLÓGICA

Pretendemos nestas breves linhas procurar familiarizar o espeleólogo iniciado com a técnica do levantamento topográfico expedito duma gruta.

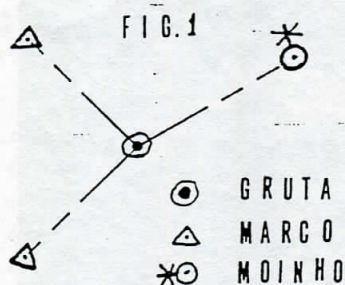
Realmente a maioria dos reconhecimentos espeleológicos não exige levantamentos muito correctos pois estes implicam a utilização de material de precisão, sempre pesado, volumoso e de morosa aplicação, características que dificultam o estacionamento ou transporte dos aparelhos e consequentemente o rendimento da progressão duma «equipa de ponta» nas expedições de simples exploração e reconhecimento.

Assim o espeleólogo duma «equipa de ponta» encarregado das tarefas topográficas necessita de pouco mais do que de uma bússola para a medição de ângulos azimutais, de um transferidor a que se adapta um fio com um peso para medição de ângulos verticais, de uma fita métrica de 20 metros para medição de distâncias, de um bloco de apontamentos, lápis e... um pouco de paciência e espírito de observação.

O trabalho começa ainda «à luz do sol» com a localização da entrada da gruta numa carta topográfica.

Se se dispuser duma boa base cartográfica (esc. 1:25.000 ou maior), o método mais eficaz é a localização «à vista», procurando referenciar pela leitura e interpretação directa da carta por aproximações sucessivas, o ponto desejado.

Não se dispondo no campo de qualquer carta, ou apenas de bases em escalas menores de 1:25.000, procurar-se-á determinar seguindo o método de «giro do horizonte», os azimutes (ângulo formado por determinada direcção com a linha N-S) para pontos bem determinado no terreno, como marcos geodésicos ou trigonométricos, campanários de igrejas, moinhos, etc. (Fig. 1).



Trata-se de um recurso de resultados menos precisos que o primeiro dada a dificuldade de medir com precisão pela bússola, os ângulos azimutais referidos. Os erros cometidos serão tanto maiores quanto maiores forem as distâncias entre o ponto estação e o ponto de referência fixa.

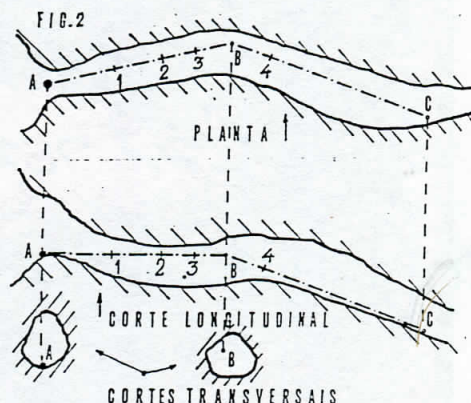
Em qualquer dos casos deverão assinalar-se num esquema auxiliar todos os pontos notáveis do local como caminhos, linhas de água, moinhos, ruínas, designações toponímicas, proprietário do terreno, freguesia, povoações mais próximas, etc.

Dum ponto de vista topográfico simplista uma gruta pode considerar-se uma sucessão de galerias mais ou menos inclinadas e de poços igualmente mais ou menos verticais que terão que ser ligados entre si por ângulos e distâncias, estas obtidas pelo simples método de «caminhar e medir».

Demos agora um pequeno salto, e vejamos como proceder para o «levantamento» duma galeria.

Começaremos por marcar à entrada da mesma um primeiro ponto estação A, e determinar com a bússola a direcção de A para o segundo ponto-estação B, visível de A. O mesmo de B para C e assim sucessivamente.

Para dar uma ideia mais clara, consideramos o esquema da Fig. 2.



Entretanto o operador segura uma das pontas da fita no ponto A e o ajudante mede a distância AB.

O operador em A, além de medir a direcção azimutal AB mede também a inclinação de A para B que designaremos por I_{AB} .

Com estes valores preenche-se um quadro como o que segue:

ESTACÃO EM:	DISTÂNCIA ATÉ:	S	I	E	D
A $\hat{A}B =$ $I(A,B) =$	B				
	1				
	2				
	3				
B $\hat{B}C =$ $I(B,C) =$	C				
	4				

Para desenhar o esboço da galeria não temos mais que considerar pontos intermédios na fita ($A_1, A_2, A_3, \dots$ entre A e B; $B_1, B_2, B_3, \dots$ entre B e C, etc.) cuja posição em relação a A ou a B seja conhecida, e medir as distâncias que separam cada um deles das paredes, do tecto e do chão da galeria. Para melhor definição, em cada ponto desenha-se em esboço um corte transversal.

Nas colunas S, I, E e D inscrevem-se as distâncias dos pontos-estação à parte superior da galeria (S), inferior (I), parede do lado esquerdo (E) e parede do lado direito (D).

De B para C procede-se do mesmo modo.

Passemos agora às salas.

O procedimento é semelhante ao que se empregou para as galerias.

Entretanto suponhamos que um abatimento do tecto da sala não permite a visão directa de A para B. Podemos determinar a distância de A a B por intermédio de pontos auxiliares (Fig. 3), tanto no chão da sala como no cimo do amontoado de pedras: C e G respectivamente. Anotaremos para o primeiro caso a distância $\overline{AC}$ e $\overline{CB}$ e o ângulo $\angle ACB$; e para o segundo caso $\overline{AG}$, $\overline{GB}$ e o ângulo $\angle AGB$. Depois, no gabinete, por cálculos simples de trigonometria determina-se a distância $\overline{AB}$.

O ALGAR DO CARVÃO E A PRESIDÊNCIA ABERTA

De há três décadas a esta parte que a S.E.E. "OS MONTANHEIROS" estabeleceu uma estreita ligação com a Natureza, primeiramente de uma forma essencialmente exploratória e, depois, procurando colaborar em missões de carácter científico, em ordem a contribuir para um aperfeiçoamento de mecanismos capazes de definir regras conducentes a um integral aproveitamento da relação Homem-Natureza.

Justificou-se, pois, plenamente a inclusão do Algar do Carvão (ex-libris vulcânico terceirense e "menino dos olhos" desta Sociedade) no roteiro da Presidência Aberta sobre o Ambiente.

Pela preservação do Algar do Carvão e de todas as manifestações naturais do género sempre esta Sociedade tem lutado e continuará a fazê-lo, tentando alargar ainda a sua área de acção, dentro das disponibilidades pessoais e profissionais dos elementos que a compõem, a todas as outras matérias relacionadas com o Ambiente que nos rodeia.

Apraz-nos sobremaneira mencionar aqui as referências elogiosas que S.Ex^a o Pre-

sidente da República dedicou aos elementos que têm integrado esta colectividade através dos tempos, e proferidas na Assembleia Legislativa Regional, e ainda nos órgãos da Comunicação Social, para além das palavras que, amavelmente, deixou registadas no Livro de Ouro de "OS MONTANHEIROS":

*Experiência inolvidável nesta verdadeira
catedral geológica do Algar do Carvão.
E ainda os belíssimos cantores açor-
eans de "Os Bravos". Muito grato à
prestimosa cooperação dos
Montanheiros.*

78.11.94

Luís Gary

(Experiência inolvidável nesta verdadeira catedral geológica do Algar do Carvão. E ainda os belíssimos cantores açoreanos de "Os Bravos". Muito grato à prestimosa cooperação dos Montanheiros)



AGUIAR SILVA



"VULCÕES NO MAR"

(Continuação do nº anterior)

A grande fluidez da lava Hawaiana resulta do rápido movimento das escoadas.

Nos principais canais de alimentação foram observadas velocidades tão elevadas como 55km por hora, mas a massa na sua totalidade avança muito mais lentamente, principalmente devido ao seu estreito rio de alimentação, raramente de largura superior a 15m, tem de alimentar uma massa avançada que pode estar a 1km ou mais de distância.

As primeiras massas relativas á erupção de 1950 viajaram através da ingreme encosta Oeste do Mauna Loa, a uma velocidade média de 9km por hora, mas a maior parte da massa movimenta-se muito devagar.

Vulgarmente as estatísticas das erupções Hawaianas apontam para uma velocidade entre 10 a 100m, por hora.

Comparando com massas de lava de regiões continentais, que vulgarmente avançam unicamente, entre uns poucos 10m por dia.

As massas muitas vezes dividem a sua passagem pelos dois lados da colina, ou elevação reunindo-se na parte baixa, mas deixando-a a descoberto.

Estas ilhas deixadas em massas são conhecidas no Hawaii como Kipukas, embora a ilha original tenha sido um ponto alto antes da superfície da massa, aumentando a espessura da massa, pode resultar em que a Kipuka fique mais baixa do que a superfície de lava circundante.

(Continua no próximo número)

O SERTÃO TERCEIRENSE

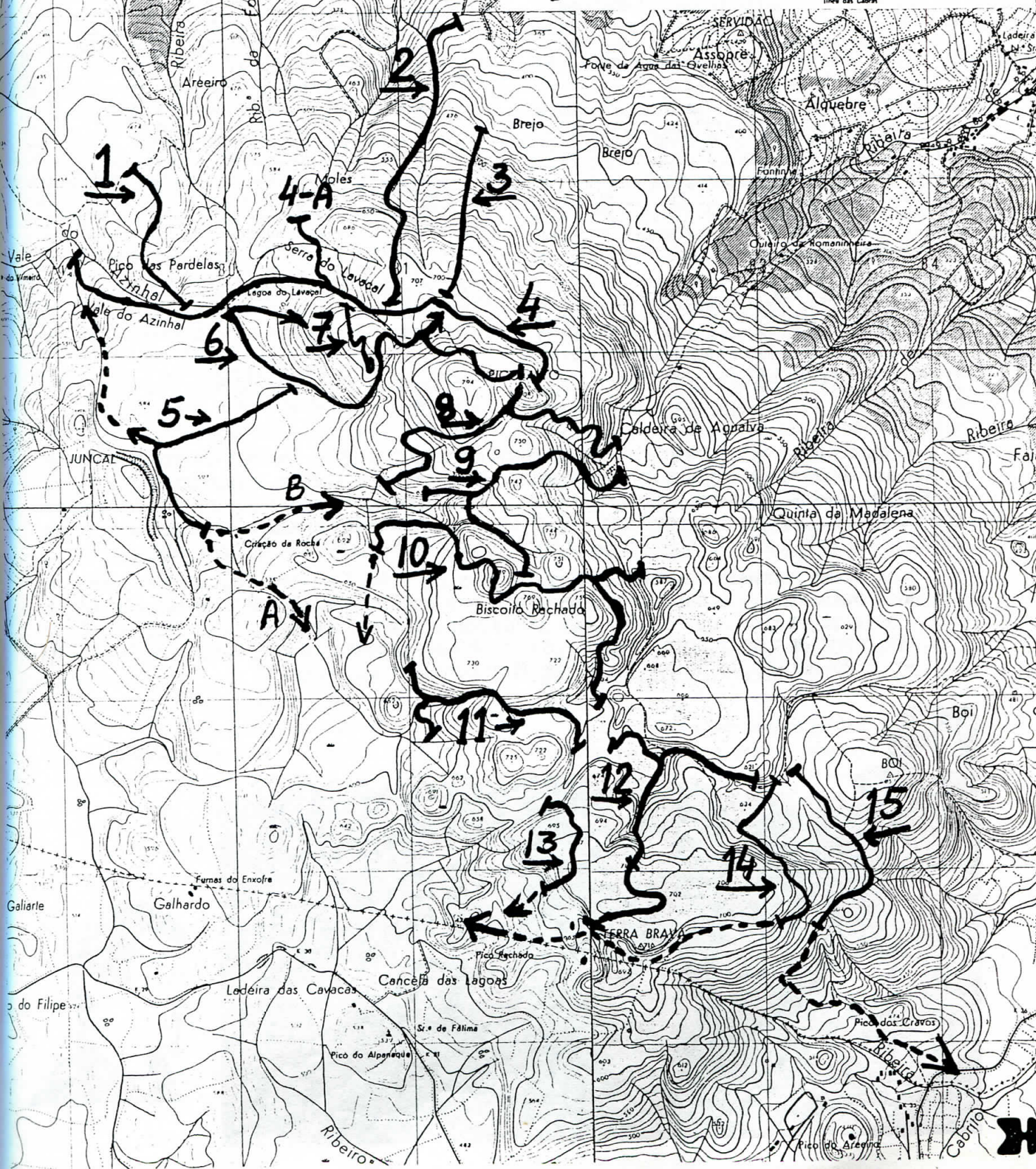
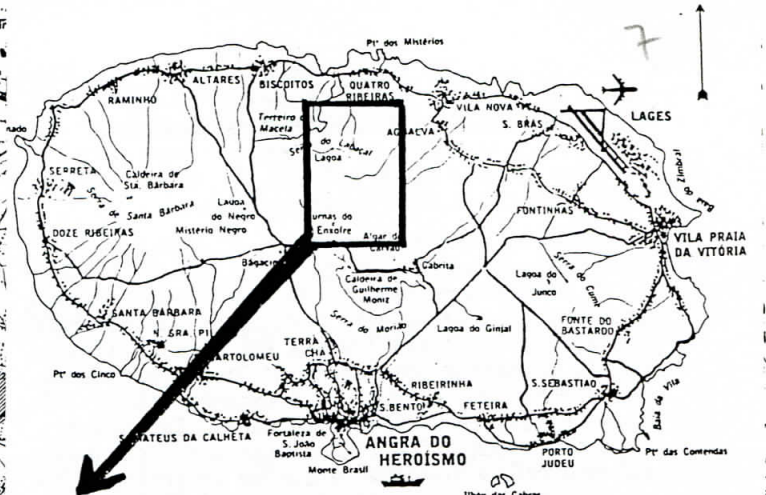
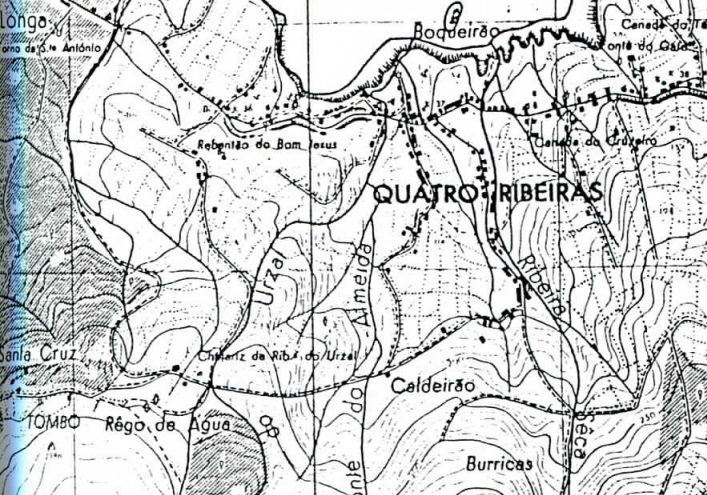
OS TRILHOS DA ILHA

- 1 - **TRILHO DAS PARDELAS** - alcança-se pela estrada que dá acesso à Gruta dos Balcões, subindo para o Moledo (vasta área de plantação de criptoméria); e, no enfimamento do Pico das Pardelas se inicia este trilho, que vai da estrada do Moledo até ligar ao "Trilho da Serra do Labaçal-Vimieiro". É de progressão fácil, com cerca de 1 km;
- 2 - **TRILHO DA SERRA** - tem início junto a uma pequena clareira, depois de se penetrar no "Trilho Pico Alto-Vimieiro". É um trilho sempre a descer (para N) até apanhar uma das grotas que fazem ligação à Ribeira Seca, por onde se desce até um desvio para uma canada na margem direita que vai ligar à estrada do Farroco-Caneleiros. Trilho de progressão fácil e com cerca de 2 km;
- 3 - **TRILHO DOS BREJOS** - é um pequeno trilho, cerca de 300m para leste do "Trilho da Serra" e ao qual se tem acesso através do "Trilho Vimieiro-Pico Alto". Tudo leva a crer que, outrora, através deste trilho se fez a ligação entre a Serra e a Agualva; actualmente, não tem saída, perdendo-se no emaranhado da vegetação. "OS MONTANHEIROS" pretendem "desviar" este trilho rumo ao Biscoito das Colmeias, tarefa que não se afigura fácil, devido à muita vegetação existente, designadamente silvas. Até onde, de momento, se pode chegar, a progressão é fácil (1 km);
- 4 - **TRILHO VIMIEIRO-PICO ALTO** (ou "DA SERRA DO LABAÇAL") - a ele se chega entrando pelo caminho da Gruta dos Balcões até ao do Narião; no início deste, há uma pequena canada, à esquerda, que liga ao lugar chamado "Curral do Vimieiro", junto à qual começa este trilho que, passando pelo Vale do Azinhal, Fonte do Vimieiro, Pico das Pardelas (base), Serra do Labaçal (aqui com saída para a estrada da Serra por um pequeno trilho - 4A, "PORTAL DAS LADEIRAS") e Pico Alto (daqui com bela vista panorâmica). É um trilho de difícil progressão no seu início, por entre vegetação endémica, tornando-se depois fácil. Tem cerca de 3,5 km de extensão, contados até ao marco geodésico do Pico Alto;
- 5 - **TRILHO DO BISCOITO DA FERRARIA** - partindo do "Trilho do Morro Assombrado", atravessa todo o Biscoito até chegar à base da Rocha do Chãmbre. Pode fazer ligação à Fonte do Vimieiro ou à Canada do Chãmbre, fazendo esta por sua vez ligação para o Sanguinhal (A) ou para as Fontes da Vinagreira (B - vasto vale "careca" entre a Ferraria e o Pico da Rama, no Sanguinhal). Pode finalmente ligar aos trilhos numerados em 8 e 9. É um trilho em grande parte por entre vegetação endémica, sendo de progressão fácil, tendo 1,5 km de extensão desde o trilho 6 até à Canada). Toda esta área está classificada como RESERVA INTEGRAL, dependendo o respectivo trânsito de autorização dos Serviços Florestais;
- 6 - **TRILHO DO MORRO ASSOMBRADO** - ao Morro Assombrado (designação atribuída por "OS MONTANHEIROS"), vasta área de densa vegetação endémica, pode chegar-se pelo Pico Alto, pela Fonte do Vimieiro ou pelo "Portal das Ladeiras" (4A) ou pelo "Trilho das Fendas". Toda esta área faz parte do Biscoito Rachado e da Serra do Labaçal. Tudo aqui é desordenado, confuso e bravio. Para além da pujança da vegetação, o terreno é irregular, com inúmeras grotas, covas e fendas que ultrapassam os

200m de comprimento e, nalguns pontos, os 30m de altura, com larguras entre 0,50cm e 2m. Este trilho é um tanto ou quanto confuso, não sendo de fácil progressão, valendo, todavia, a pena o esforço para se admirar a área mais selvagem da ilha, também espectacular. Tem cerca de 3 km;



- 7 - **TRILHO DAS FENDAS** - para ele se entra pelo alto da Serra do Labaçal (4A-Portal das Ladeiras, cerca de 300m) e é o mais curto para se atingir o Morro Assombrado. É um trilho pequeno, com cerca de 400m, mas sempre acompanhado por um autêntico labirinto de fendas, o que obriga a grande atenção durante o trajecto;
- 8 - **TRILHO DO PICO ALTO** - a ele se chega entrando pela estrada Algar do Carvão-Agualva até à Caldeira da Agualva, na base do Pico Alto. Aqui começa este trilho: depois de se atingir o marco geodésico, faz-se uma pequena descida, passando entre a Terra Brava e o Biscoito Rachado, apanhando uma ladeira entre uma área devastada pelos tractores até se chegar às Fontes da Vinagreira (extenso vale "careca" também conhecido por Vale da Ferraria), que por sua vez faz ligação à Canada do Chãmbre. É um trilho sempre de fácil progressão, com cerca de 2,5 km de extensão;



9 - TRILHO DA GROTA DO PICO AGUDO -atingida a Caldeira da Aqualva pelo lado da Nascente do Pico Alto,começa este trilho que tanto pode fazer ligação para as Fontes da Vinagreira como para o "Trilho do Pico Agudo"(nº 10). A progressão é fácil,com cerca de 2 km de extensão;

10- TRILHO DO PICO AGUDO - tanto se pode alcançar pelo lado da Lagoa Seca,junto ao Vale Fundo(perito do palheiro do caminho de João Coelho) como pela Caldeira da Aqualva próximo da Caldeirinha desta,através de uma ladeira bastante inclinada. Depois de passar pelo marco do Pico Agudo,desce até apanhar uma parede que acompanha até ao Pico da Rama,saindo finalmente para o Sanguinhal. É um trilho de difícil progressão,mas compensa pela magnífica panorâmica que se observa do cimo do Pico Agudo (apelidado por "OS MONTANHEIROS" de autêntico MIRADOURO CELESTE,estratégicamente posicionado no interior da ilha.Tem este trilho cerca de 2,5 km,sempre por entre vegetação endêmica;

11- TRILHO DO FIDALGO - a ele se chega através do Sanguinhal até ao "Sombreiro"(ou "Rocha Deitada") junto à base do Pico do Miradouro.Aqui tem início o trilho (cuidado com o gado bravo aqui pastando!) com sequência pelo "Desfiladeiro da Rochinha",vindo sair atrás do Pico do Má Olho até apanhar a estrada Algar do Carvão-Aqualva,na área do Vale Fundo (ou Vale da Morte). É trilho de progressão relativamente fácil,com cerca de 1,5 km de extensão;

12- TRILHO DA TERRA BRAVA - pode-se entrar para ele por um pasto situado entre o Vale Fundo e a Terra Brava,ou então pelo lado das Lagoinhas (L. Grandê). Apanha-se a maior grota da Terra Brava, chegando-se à cumeada desta e descendo-se até ao Pico do Carvão(Algar do Carvão). É um trilho de progressão difícil,devido aos inúmeros bura-

cos e fendas existentes e também pela densa vegetação endêmica que o acompanha sempre.Tem uma extensão aproximada de 2 km;

13- TRILHO "PEQUENO" DA TERRA BRAVA -assim o denominamos por desconhecermos o verdadeiro nome.Alcança-se entrando na estrada Algar do Carvão-Aqualva e,depois de se passar o Pico da Castanha e um pouco antes do Vale Fundo. A entrada para este pequeno trilho faz-se por uma escarpa bem visível,atravessa-se um pouco da Terra Brava até à cumeada desta,e desce-se depois até ao Algar do Carvão. Com cerca de 800m de extensão é um trilho de progressão fácil;

14- VEREDA DO AVIAO - assim se chama por ter sido aberta a propósito da queda de um avião colombiano nos anos 40 nesta área. A entrada para esta vereda faz-se pelo lado das Lagoinhas do Pico do Boi: partindo da Grande,entra-se num pasto em direcção à Terra Brava,subindo-se até ao alto desta,atravessando-se parte dela até atingir um lugar chamado "Bagacinas"; depois,segue-se por entre a encosta da Terra Brava e o Pico do Talhão rumo ao "Ramonial"(lugar entre o Pico do Funil e o Pico do Carvão). É um trilho de fácil progressão,havendo apenas que tomar cuidado com o gado bravo que abunda por estas paragens. Tem cerca de 1 km desde as Lagoinhas às Bagacinas,e cerca de 2 km contando-se o percurso até ao Algar do Carvão,e permite disfrutar sempre uma invejável beleza paisagística;

15- VEREDA DAS PEDRAS - é uma vereda já muito antiga,que faz ligação do Pico do Boi às Bagacinas podendo ligar também à Vereda do Avião,descendo para o lado do Pico dos Cravos até apanhar a estrada das Fajãs (Cabrito-Golfe). É um trilho de progressão fácil,com pouco mais de 1 km de extensão desde o Pico do Boi às Bagacinas.

No seu conjunto, estes trilhos e veredas medem cerca de 26 km e,por estarem situados no sertão da ilha,alguns encontram-se cobertos de matos bravios. São sempre de aconselhar algumas precauções,designadamente não penetrar nos matos sem a companhia de um guia conhecedor dessas florestas,simultaneamente agrestes e belas,pois mesmo com boas condições climatéricas à partida,por vezes o nevoeiro cai repentinamente,dificultando o sentido de orientação a quem não estiver familiarizado com esses matos.

Concluimos,assim,a enumeração dos Trilhos da Ilha Terceira. Outros existiram e rasgados pelo suor dos nossos antepassados,mas estão actualmente completamente tapados pela vegetação; outros existem ainda,mas,pela sua pequenez ou pouca relevância,não referimos aqui,como também outros já sobejamente conhecidos(os do Monte Brasil,Serra do Morião,Caldeira Guilherme Moniz e Pico da Serreta)



JOSE MARIA



"VIAGENS GEOLÓGICAS AOS AÇORES" , Mr.F.Fouqué, 1873

(CONTINUAÇÃO DO NUMERO ANTERIOR)

A única parte notavel do costume dos homens é a carapuça que trazem na cabeça. É uma especie de casquette de panno escuro comprido para traz e que lhes cae sobre os hombros, tendo ordinariamente na frente uma pala muito saliente, terminando de cada lado em ponta voltada para cima. Esta carapuça põe o rosto e o pescoço ao abrigo dos raios de sol, e desvia a chuva da cabeça e da parte superior das costas. Não é possível imaginar um toucado mais apropriado às condições climatericas dos Açores.

O costume d'andar descalço, contra o que se insurgem os hygienicos quando se trata dos paizes frios e humidos da Europa meridional, não offerece aqui em verdade inconveniente de consideração.

O terreno é por tal modo accidentado e composto na generalidade de detritos volcanicos porozos, que as aguas pluviales ou escorrem facilmente pela superficie das lavas ou entranham-se quasi immediatamente no solo. Os charcos d'agua estagnada são inteiramente excepcionaes: os caminhos nunca são lamacentos. Comtudo nada d'isso explica e sobretudo justifica o pouco cuidado que se observa com as creanças no que respeita a hygiene. Na maior parte das povoações, os rapazes e raparigas, até a idade de 6 ou 7 annos, não tem por vestuario mais que uma camisa mais ou menos esfarrapada, as mais das vezes andam completamente nus. A sua exposição ao sol fazem perigar avultado número. Em se vendo o extremo cuidado com que os adultos d'ambos os sexos se resguardam da humidade e da acção do sol, custa a comprehender a incuria de que são victimas as creanças de tenra idade.

Durante os mezes chuvosos que passei na Terceira, permaneci o menos possível na cidade; em quanto, porém, a nevoa se conservava densa em redor das elevações, escuzado

era tentar dirigir-me para esse lado. Uma cerração espessa encobria os objectos mais proximos, uma neblina fina e penetrante ensopava depressa o fato, e logo que se abandonava os atalhos mal perceptíveis no meio destas solidões, estava-se exposto a grandes perigos, em razão da constituição das camadas superficiaes do solo e a natureza particular da vegetação que as encobre. As erupções volcanicas espargiram nesta região, sobre o terreno, uma camada de materias incoherentes hoje em meia decomposição pela acção da humidade; uma camada de "sphagnum", que talvez atinja mais d'um metro de grossura, estende-se ao de cima como um enorme tecido felpudo sempre ensopado d'agua. Nada há tão penoso como errar sem norte sobre esta vegetação esponjosa, em que nos enterramos a cada passo até à cintura; mas o que torna a viagem perigosa, é que este musgo turfoso esconde frequentemente escavações fundas abertas pelas aguas. É preciso, bordão em punho, sondar o terreno a cada passo, sem o que corre-se o risco de cair inevitavelmente em alguma destas fendas estreitas cuja existencia nada denota exteriormente.

Quando somos obrigados a desistir dos nossos passeios à serra, achamos então occasião propicia para fazer interessantes explorações nas visinhanças da costa. O monte Brazil, vasta cratera volcanica, que se eleva à entrada do porto d'Angra atrai-nos a attenção. Um estreito isthmo liga-o à cidade e dá acesso a um caminho muito inclinado que conduz a uma fortaleza arrimada à encosta do monte; cruza-se uma porta falsa, e se continuamos a subir, deixando à esquerda as construcções do forte, chegamos sem grande difficuldade à borda da cratera. Deste ponto mergulhamos a vista n'u-

ma concavidade perto de um kilometro de diametro, rodeada por uma crista circular unicamente chanfrada pelo lado sul.

Os pontos culminantes do ambito são de 200 metros d'alto. O fundo da cratera apresenta duas depressões de desigual profundidade, como se o vulcão tivesse tido duas boccas e estas funcionassem successivamente. Uma é de 174 metros d'altura, a outra apenas de 45. Campos de milho ocupam a parte chã da cratera; flores de trevo, em profusão vestem as encostas interiores e ostentam no outomno as esplendidas galas de innumeraveis corollas cor de rosa. Os atalhos são areiados de seixos miudos vitreos esmeraldados e de cristaes pretos de pyroxene que scintillam nos raios de sol. Este bello jardim, cujo custeio corre por conta da natureza, é às vezes visitado por um inimigo terrivel: nuvens de gafanhotos vem inopinadamente ali cair. Trasidos da costa africana pelos ventos do sudeste, baixam sobre este promontorio avançado aonde trazem a devastação, muitas vezes sem se mostrarem nos arrabaldes, ainda que tão proximos, da cidade d'Angra.

Nas partes elevadas do rebordo da cratera, a rocha é nua, e mostra a descoberto a construcção intima da eminencia. O monte Brazil é o resultado de uma gigantesca erupção submarina: o cataclysmo a que deve a sua existencia saio do seio das vagas; as materias escandescentes vomitadas pelo vulcão foram projectadas externamente de mistura com os destroços do solo existente, com areias, e com as conchas do fundo do mar. Todos estes materiais dissolvidos e petrificados formaram ao cair uma especie de massa liquida, que foi assentando camada por camada em volta do seu ponto de partida, onde esfriou, solidificou com o tempo e se transformou em um tufo assaz compacto para poder presentemente fornecer excellentes materiaes de construcção. O monte é alcançado por todos os lados voltados para o mar; as vagas quebram ahí sua furia nas violentas tempestades do inverno e desagregam delle todos os annos volumosos fragmentos. Desde o nivel do mar até à cumieira, as camadas sucessivas de tufo formam uma immensa rampa ornada de caprichosas cores. Quando a costeamos por mar em barcorrente à costa estremecemos em presença da granulosa composição e apparente falta de adhesão das partes componentes deste solo. O tufo, porém, é muito mais consistente do

que se poderia imaginar. As pombas bravas muito abundantes nos Açores, e as aves aquáticas que voam em numerosos bandos nos contornos do monte, não receiam confiar os ninhos às anfractuosidades da escarpa.

A fortaleza que occupa a entrada do monte do lado da cidade tem representado por duas vezes um papel importante na historia de Portugal. A primeira vez, um seculo incompleto depois da descoberta da ilha Terceira, servio brilhantemente de baluarte da independencia nacional. O prior do Crato, tio de D. Manuel, ultimo rei, ahí se manteve tres annos contra as forças do seu formidavel competidor, o rei d'Espanha Filipe 2º. O prior era auxiliado pelas esquadras inglesas. O socorro da França não lhe faltou; e hoje o monte Brazil encerra n'um pequeno forte em ruinas um curiozo testemunho do apoio dado pelo nosso paiz ao derradeiro defensor da nacionalidade portugueza. É um canhão de bronze admiravelmente cinzelado e ornado de algarismos symbolicos do rei Henrique 2º de França e de Diana de Poitiers. O comprimento desta peça é de 2m e 80cm, a bocca é de 15 e 16 centímetros de diametro. A roda da bocca se enrosca uma grinalda em relevo de flores e folhas; na face superior se desenha um H entrelaçado pelo duplo D de Diana, depois de flores de liz e H H semeados em quadradinhos sobre todo o comprimento do bronze até à couceira. Na culatra há um H em grande sobrepujado por uma coroa real, e no fundo o crêscente entre dous arcos entezados por cordas cujas extremidades representam armações de veado.

O segundo memoravel acontecimento de que o monte Brazil é objecto de citação é a revolução que em 1833 collocou novamente no throno de Portugal a actual dynastia reinante. Dom Miguel, em 1826 regente do reino em nome de sua sobrinha Dona Maria, chegara ao fim de dous annos a suplantá-la e a senhorear-se do poder absoluto. Apoiado pelo clero e nobreza do paiz, conseguiu vencer todos os obstaculos nas provincias e formou a sua authoridade na maior parte das possessões insulanas de Portugal. De todo o exercito, um unico regimento de caçadores destacado na Terceira se recusou a reconhecer o usurpador.

(CONTINUA NO PRÓXIMO NUMERO)



"COSTANEIRA"

Chegou a Primavera e, com ela, o prazer das caminhadas a pé através da Natureza, para quem gosta de respirar o aroma dos campos e dos matos verdejantes, verdadeiro bálsamo para a saúde e encanto para o olhar.

"OS MONTANHEIROS" retomam a "ROTA DO AÇOR" que, no domingo, 17 de Abril, contou com três dezenas de participantes, com idades compreendidas entre os 11 e os 64 anos, e que teve como cenário a Serra do Morião, sobranceira a Angra do Heroísmo.

A concentração junto da Sede da colectividade, pelas 09H00, seguiu-se a partida em caravana-auto até à Vinha Brava, onde todos os participantes tomaram lugar em transporte amavelmente cedido pelo Regimento de Infantaria de Angra, e que nos levou até ao local da "largada", na estrada do Cabrito, à entrada da do Algar do Carvão, precisamente onde se encontra implantado o monumento de que se dá notícia em este número de "PINGO DE LAVA".

Pouco passava das 10H00 quando se iniciou a caminhada, com subida para o Pico do Alpanaque e passagem na respectiva lagoa, de singulares contornos e rodeada de pastagem. Daí, desceu-se para a planura da Caldeira do Guilherme Moniz, em direcção à encosta Oeste da Serra, observando-se, por casualidade, os preparativos para a recolha de gado, que seria executada por um grupo de lavradores, logo após a passagem da nossa caravana. Lá estava o gado bravo, em manada, que chegou a preocupar



alguns mais timoratos do nosso grupo, que ensaiaram um esboço de fuga à aproximação dos touros.

Acalmados os receios e abandonado o local, entrou-se numa zona de vegetação, junto à encosta, subindo-se esta um pouco mais adiante, em direcção às pastagens (Criação do Meio). Daqui, rumou-se para sul, a meia encosta, até se atingir a espectacular Rocha do Rosto, cujo perfil foi examinado de perto pelos caminhantes, de local estratégico situado sensivelmente a meio dos seus 140m de altura.

O grupo subiu depois até ao marco do Rosto (o ponto mais alto da Serra do Morião, com 632m), localizado em plena Criação Alta, e donde se podia ver uma panorâmica de todos os maciços vulcânicos da Ilha Terceira.

Mais umas passadas e parou-se para almoço. Era meio-dia e o tempo, embora fresco, apresentava-se de feição, se bem que com o céu nublado.

Após cerca de meia-hora de "repasto" e descanso, retomou-se a caminhada rumo ao marco geodésico do Morião, que foi atingido pouco depois das 13H00, e donde se observou a cidade em todo o seu esplendor, bem como parte do complexo desmantelado da Serra da Ribeirinha, com o seu novo aterro sanitário, e não só. Era a vista habitual da "COSTANEIRA" em dia claro.

O que de seguida vamos referir não é nada abonatório para os proprietários da área cimeira, nas cercanias do marco, facto aliás já anteriormente denunciado: o que há anos era uma zona verde, está transformada em pastagem, tudo revolvido pela acção dos tractores, numa área cada vez maior. Planta a planta, arbusto a arbusto, árvore a árvore, tudo o Homem vai destruindo, em insensato afã e de maneira perniciosa para o equilíbrio dos valores naturais e ambientais.

Mas, voltando ao passeio, falta apenas dar conta da sua última etapa, a descida para o tanque da Nasce Água, a meia encosta, e daí até à central hidroelétrica, acompanhando o tubo de ligação. Eram 14H00 pouco mais ou menos quando terminou assim o primeiro passeio da ROTA DO AÇOR-94, ligeiro e suave. Tão suave que o Alfredo Moniz (com as suas 64 leves Primaveras) resolveu fazer o percurso em sentido inverso, no que foi acompanhado por outros três valentes.

Uma nota de reportagem, a terminar: foi muito notada pela caravana a ausência do "Kilas", o homem da montanha, o habitual guia das caminhadas. Todos desejam que esteja presente nos próximos passeios.

PARTICIPANTES

ALEXANDRA MEIRELES - ALFREDO MONIZ - ALICE ROCHA - ANA LOURENÇO - CARLA SILVEIRA - CRISTIANE LOURENÇO - DARIO FURTADO - FILIPE SILVEIRA - FILOMENA AMARANTE - GENOVEVA ROSA - HILDEBERTO ROCHA - ISABEL FEIJÃO - JOÃO FERNANDES - JOÃO GOMES - JOÃO JORGE - JOE LOPES - JOSÉ FICHER - JOSÉ SALDANHA - KATIA LOBÃO - LESLEY LOPES - LUIS PIMENTEL - LUIS VASCONCELOS - MARIA MANSO - MAURO FREITAS - NUNO ALEXANDRE - PAULO MONTEIRO - SANDRO ROCHA - TIAGO AVELAR E TONY LOPES.

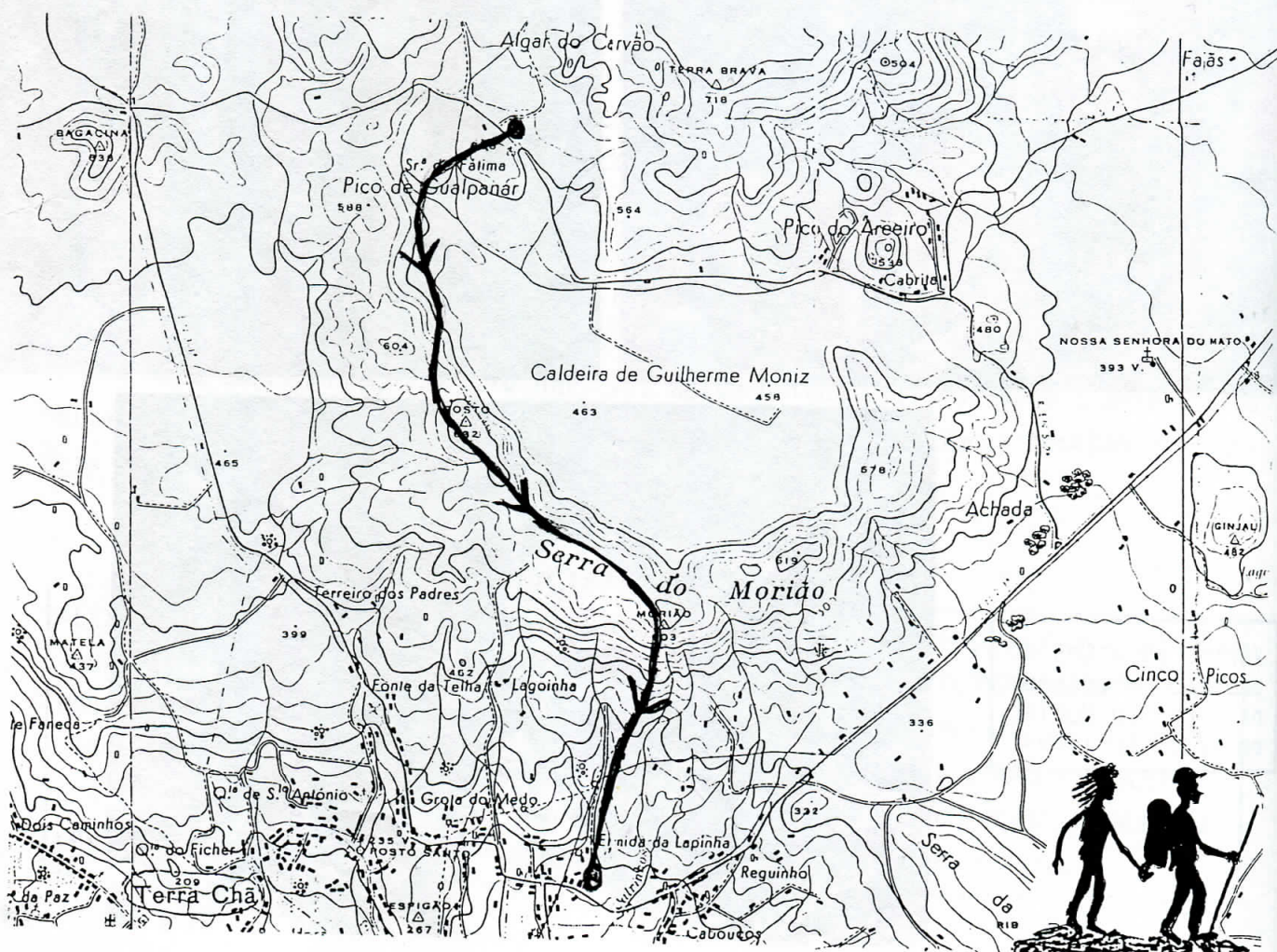


Vários aspectos do passeio efectuado na Serra do Morião em 17 de Abril/94

O maciço da serra do Morião é um dos 4 complexos vulcânicos que constituem a ilha Terceira, correspondendo a cratera central à Caldeira do Guilherme Moniz ("6 moios de extensão, em forma circular, e coberta de matos indígenas, donde se tiravam as lenhas para a cidade e arredores", cfr Padre Jerónimo E. d'Andrade, 1843).

Os bordos W e S da Caldeira são constituídos pela Serra do Morião; os bordos N e E foram destruídos por erupções mais recentes dos aparelhos vulcânicos do maciço do pico Alto (Terra Brava, Pico do Carvão, etc).

Nos flancos SW e S da Serra observam-se aparelhos secundários, situados na passagem de acidentes tectónicos de orientação N-S (Piquinhos, Lagoinha, Pico Redondo, etc); correspondem a erupções traquíticas, andesíticas e basálticas. Uma das principais reservas hídricas da ilha Terceira encontra-se por debaixo das lavas basálticas modernas da Caldeira do Guilherme Moniz, onde existem pequenos ribeiros subterrâneos aproveitados para o abastecimento de Angra, sendo de citar, especialmente, a Fonte do Cabrito (que pode fornecer cerca de 35,8 litros por segundo, e cujo encanamento remonta a 1842).



"OS MONTANHEIROS E A NATUREZA"...

...UMA VIDA POR UM IDEAL!

Após três décadas de incessante labor em prol dos nossos valores naturais e ambientais, e para que todo esse trabalho funcione em elo de ligação com o futuro, "OS MONTANHEIROS" firmam para a posteridade um símbolo da eterna aliança entre a Natureza e o ideal da Colectividade, expresso no Monumento acabado de implantar à entrada da estrada José Ataíde da Câmara, a dois passos do Algar do Carvão.

A obra foi executada pelo conhecido artista terceirense Renato Costa e Silva, que também a idealizou, mediante proposta de "OS MONTANHEIROS".

Os trabalhos preparatórios (base para o Monumento) foram executados por alguns elementos da equipa operacional de "OS MONTANHEIROS", designadamente o José Maria e o José Ficher, com a colaboração da Câmara Municipal na colocação da terra que circundaria o Monumento e arrelvamento.

O Monumento foi auto-transportado desde a casa do escultor até ao local de implantação no dia 14 de Abril de 1994, graças à prestimosa colaboração dos Serviços da Secretaria das Obras Públicas na cedência da grua que possibilitou toda a manobra (que duraria cerca de duas horas). Ainda a tempo de ser admirado pela caravana presidencial que visitou o Algar do Carvão no dia 18 de Abril, no decurso da Presidência Aberta.

E lá ficará para a posteridade "o Montanheiro apontando a Caldeira do Guilherme Moniz e com o Algar a seus pés", personificando a vida de uma Colectividade consagrada a um nobre ideal....!



Quando me foi solicitada a realização de um monumento para comemoração dos 30 anos de existência de "OS MONTANHEIROS", ficou bem patente que era necessário ser vistoso (implicitamente grande), e que estivesse relacionado com as actividades dos Montanheiros.

Na intenção de atender a esse propósito, surgiu-me a ideia de representar numa forma simples a montanha e a gruta, completadas com um elemento humano revelador da intervenção deste nos primeiros elementos e na própria Natureza onde todo o conjunto seria inserido.

Uma vez definidos os elementos que iriam fazer parte do monumento, passei a estudar as proporções dos mesmos, recorrendo a miniaturas feitas em barro. Depois de várias tentativas, ficaram definidas as proporções que iria usar.

Na miniatura em barro que escolhi como modelo, executei uma série de medições que me permitiram executar o monumento na sua escala final.

O tamanho do monumento foi determinado no próprio local, para que tivesse uma escala adequada, ou seja: 3 metros de altura, 3 metros de largura na base, e figura humana com 90cm de altura.

Passei então à fase de realização.

Tive que escolher um material resistente e simultaneamente leve para que fosse possível o respectivo transporte.

A partir de uma base nivelada, fiz um arco de 3m de diâmetro, em aço com 16 mm de espessura; seguidamente, em aço de 6 mm, fiz mais 3 arcos que definiam 3 secções da forma principal e, sobre estas secções, fiz uma quadrícula de 20x20 cm e com reforços em diagonal.

Todas as junções foram primeiramente amarradas com arame e depois soldadas a electrogénio. O "esqueleto" da figura humana foi feito separadamente, e depois soldado à forma principal.

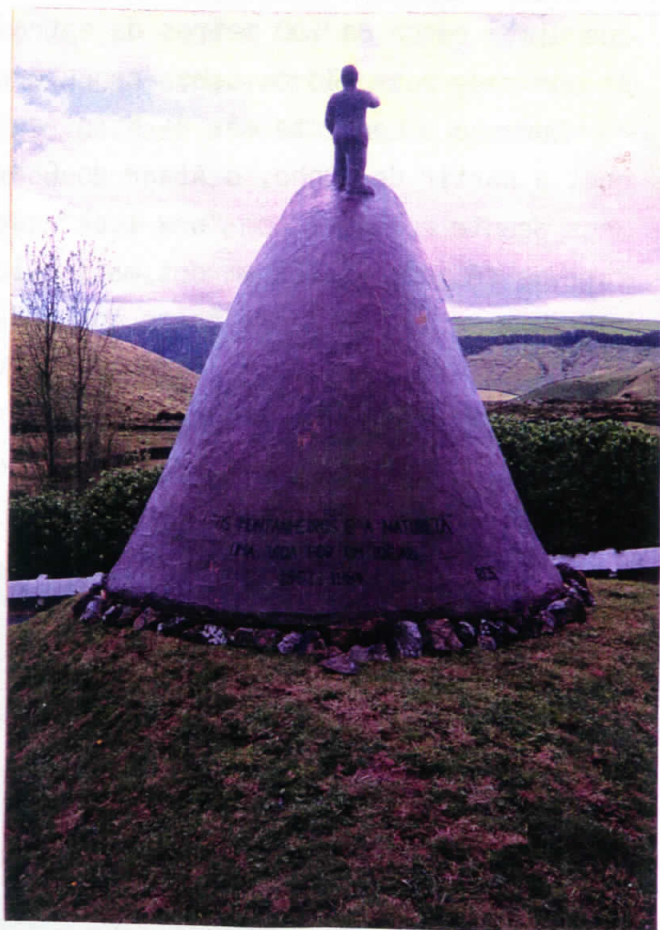
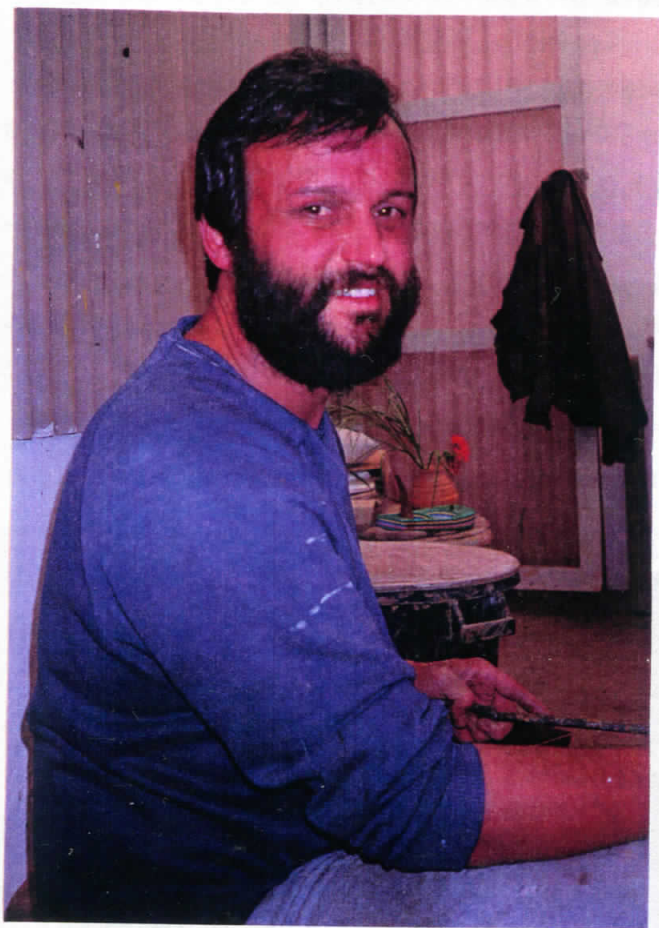
Toda a estrutura foi seguidamente revestida, por dentro e por fora, com rede de galinheiro.

Depois de pintar toda essa estrutura metálica com alcatrão diluído em diluente celuloso, comecei a revesti-la com uma argamassa de cimento, pó de pedra, areia, fibra de nylon e cola; primeiro, por dentro, uma camada com pouca altura, e depois, já com esta endurecida, outra pelo lado de fora, outra pelo lado de dentro, e assim sucessivamente.

Depois de, deste modo, ter enchido toda a estrutura, apliquei mais uma camada exterior com pigmento vermelho e preto, a fim de obter cor idêntica à da bagacina.

As letras da legenda foram esculpidas, e pintadas com cimento colorido de negro. Depois de tudo seco, pintei o exterior com verniz-pedra.





Concluída, assim, a escultura, num total de 276 horas de trabalho e 1.500 kg de material, procedeu-se ao seu transporte para o lugar definitivo. Com a orientação designada, foi colocada sobre uma base de 1,5m de altura por 3,10m de diâmetro, previamente executado pelos Montanheiros. Toda a base da escultura foi coberta com uma rampa de terra revestida a relva.

Ficou assim completa mais uma obra de "Os Montanheiros", entre tantas outras, para lembrar que "OS MONTANHEIROS" existem e trabalham para melhorar o património natural das nossas ilhas.

RENATO COSTA E SILVA

BEMFEITORIAS

Implantadas há muitos anos, as estruturas de apoio ao Algar do Carvão começaram a manifestar sintomas de saturação e inadaptação face às condições climatéricas existentes na zona, designadamente no que concerne à instalação eléctrica, cujos quadros sofreram os efeitos da humidade natural do interior do Algar, e terão que ser revistos.

Também a casa de apoio não reúne as condições indispensáveis para o efeito, tornando-se necessário equipá-la com sanitários condignos e um mínimo de conforto para os visitantes e acompanhantes e também para o pessoal que diariamente, de Junho a Setembro, assegura os serviços de abertura ao público.

Sob o ponto de vista de funcionalidade dos serviços, achou-se conveniente instalar uma bilheteira à entrada do túnel de acesso ao Algar e, sobretudo, afastar o gerador do local onde tem trabalhado e que provoca demasiado ruído e desconforto aos visitantes e não só.

Assim, já se encontra construída a nova "casa" para o gerador (ver foto abaixo) que dista cerca de 100 metros da entrada do Algar, tendo também sido aberta a vala por onde passarão os cabos condutores de energia.

Durante o corrente mês de Maio, deverão estar concluídas todas as obras, para que, a partir de Junho, o Algar do Carvão possa reabrir ao público, como todos os anos acontece, agora com "new look" que se espera corresponda às legítimas expectativas de quem visita um dos mais belos exemplares do vulcanismo açoreano.

O investimento agora feito por "OS MONTANHEIROS" representa um grande esforço da colectividade no sentido de bem servir o interesse público, pelo que se aguarda a compreensão e eventual cooperação das entidades que, neste domínio, gerem os supremos desígnios da Região.





"VALE DOS LEÕES"

Primeiro dia de Maio. O domingo amanhece claro e com amena temperatura. A Ilha prepara-se para festejar os "Maio" e o início da época das touradas à corda.

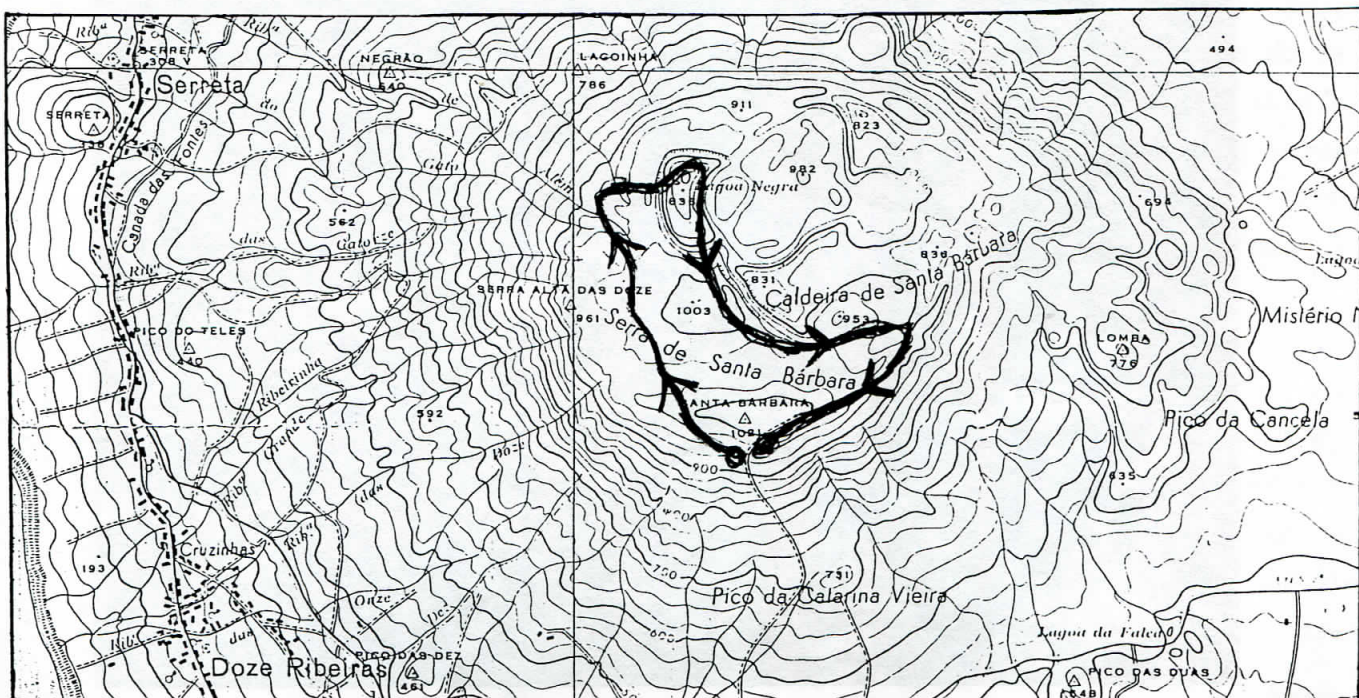
Alheios a tudo isso estão várias dezenas de pessoas que, correspondendo ao convite de "OS MONTANHEIROS", se concentraram pelas 09H00 junto à Sede da colectividade a fim de participarem em mais uma caminhada da "ROTA DO AÇOR-94".

Com o imprescindível apoio do R.I. de Angra, a caravana-auto saiu da Rua da Rocha pelas 09H40, rumo ao alto da Serra de Santa Bárbara onde, pelas 10H30 se iniciou a caminhada rumo ao interior da Caldeira.

A descida pelo "Atalho dos Cabreiros" fez-se sob algum nevoeiro, facto que impediu que, no final do atalho se gozasse a panorâmica sobre o vale da Lagoa Negra. Face a isso, tomou-se a "Vereda dos Cavalinhos, que circunda a cratera pela cumeada oeste, atingindo-se o alto do trilho (grotta) que desce para a Caldeira e que passa no túnel de captação de água, construído no século passado a meia encosta e, actualmente obstruído por desabamento a poucos metros da entrada.

Quando a coluna chegou ao túnel, o nevoeiro levantou e foi então possível começar a apreciar a magnífica paisagem, que a todos deslumbrou. A descida foi um tanto ou quanto demorada, devido a obstáculo natural surgido no percurso e que houve que ultrapassar com toda a cautela.

Um a um, todos foram atingindo a Lagoa Negra, onde se fez a paragem para o almoço (na margem norte). A água na lagoa era pouca, mas a suficiente para embelezar





PARTICIPANTES

ALEXANDRE MEDEIROS - ALFREDO MONIZ - ALICE ROCHA - ANA GONÇALVES - ANDREA AGUIAR - ALVARO CABRAL - CARLA DUTRA - CARLOS MOREIRA - CRISTIANO LIMA - CRISTINA SANTOS - DARIO FURTADO - DUARTE ANDRADE - DUARTE PAIVA - DUARTE SILVA - DULCINEIA SILVA - EMANUEL PEREIRA - EUGENIA AZEVEDO - FERNANDO PEREIRA - FILIPA MOREIRA - FILIPE BARROS - FILIPE SILVEIRA - FRANCISCO MORAIS - FRANCISCO PEREIRA - HELDER FREITAS - JOÃO MELO - JOÃO J. GOMES - JOÃO P. GOMES - JORGE REGO - JOSE BARROS - JOSE FICHER - JOSE LOPES - JOSE MARIA - JOSE SALDANHA - JOSE SILVA - LARA AGUIAR - LEILA AGUIAR - LIBANIO MASSINGA - LUISA PACHECO - LUIS PIMENTEL - LUIS VASCONCELOS - MANCIO MIGUEL - MANUEL FERREIRA - MARCO MELO - MARIA HELENA - MARIA MANSO - MARIA DE MOURA - MARIANA BARROS - MARIANA SILVA - MARÍLIA AZEVEDO - NICOLAI VAN MANEN - NUNO ALEXANDRE - NUNO SALVADOR - PAULO AUGUSTO - PAULO MONTEIRO - PEDRO MORAIS - RENATA ROCHA - RODRIGO DO Ó - SÉRGIO BAPTISTA - SILVIA CUNHA - SILVIA PESSOA - TIAGO AVELAR - VERA GOULART - VITALINA BARROS - VÍCTOR MELO - WILSON CUNHA, num total de 65 pessoas (incluindo a bebé).

a paisagem. Nesta altura, já não havia nevoeiro algum, o que aliás se verificaria até ao final do passeio.

Pelas 13H10 retomou-se a caminhada, agora rumo a sul em direcção à Lagoa Joana, que foi alcançada antes das 14H00, onde se fez uma paragem de cerca de 30 minutos, para descanso e contemplação da extraordinária paisagem circundante.

Pelas 14H20 partiu-se para a etapa final, contornando a encosta interior da Caldeira, primeiro para sul e depois para leste, com constantes subidas e descidas, até se atingir as alturas da "Vereda das Escadinhas", para onde se subiu, e que, sempre em sentido ascendente, para oeste, foi percorrida por todos os participantes, tendo o último chegado à Antena TV cerca das 16H30.

NOTA DE REPORTAGEM - Há 4 anos, neste percurso, participou um bebé de nove meses que o pai, professor, conduziu às costas, em mochila apropriada. Pois, o bebé cresceu e, agora com 4 anos, voltou a participar, desta feita caminhando pelos seus próprios meios, aqui e acolá auxiliado quando algum obstáculo de monta surgia no seu caminho. Chama-se Filipe Barros, este valente. Mas, a história não ficará por aqui já que, uma irmãzinha sua, com 7 meses, também se iniciou agora nestas lides, desta vez transportada às costas da mãe, e andando a mochila de mão em mão quando surgia algum obstáculo a ultrapassar. Será que a Mariana Barros daqui a alguns anos seguirá as pisadas do irmão? E aparecerá um 3º Barrinhos a participar? A ver vamos.

As rochas vulcânicas que formam a ilha Terceira, e que constituem a sua base, ou são traquíticas ou basálticas, as quais têm formações distintas e sobrepostas. A mais antiga dessas formações é composta de traquitos e é ela que constitui não só a Caldeira de Santa Bárbara e o centro da ilha, como também a base da cadeia intermédia à parte oriental da ilha.

A serra de Sta Bárbara é um enorme aparelho vulcânico, de forma tronco-cónica, com cerca de 8 a 9 Km de diâmetro e 1.021m de altitude, formado essencialmente por projecções, sobretudo de pedra-pomes, com intercalações de lavas andesíticas na base e traquíticas na parte superior.

O corte das arribas da periferia do maciço, visto do mar, mostra uma sucessão de lavas andesíticas em pequenas bancadinhas alternantes com níveis de escórias negras ou castanhas. Na parte superior da montanha, abre-se uma Caldeira, cujo maior diâmetro é da ordem dos 2 km e a profundidade actual é de 150m. O interior da Caldeira oferece à vista magestosas assentadas de traquites, muitas vezes fendidas verticalmente e separadas por colunas verticais de escórias ou de basaltos.

Uma estreita depressão circular, de profundidade variável ("VALE DOS LEÕES") subsiste em volta daquela "rolha" e, na sua parte W, mais funda, existem pequenas lagoas (Negra e Joana).

Contando com as crianças, foi de 65 o total de participantes, na sua grande maioria professores e estudantes, variando as idades entre os 7 meses e os 64 anos, personificados pela Marianinha e por Alfredo Moniz, já um "habitué" destas coisas, "o homem do apito".

(IN "SELECCÕES DO READER'S DIGEST", 1961)

Tragédia na Montanha

Todos os anos, pelo verão, aumentam os milhões de pessoas que vão viver ao ar livre—muitas delas sem preparo para enfrentar as forças da Natureza. Para tôdas elas esta história de dois montanhistas amadores deve constituir uma advertência

Leonard A. Stevens

N A TARDE do quarto domingo de agosto de 1959, o Sr. John Stowe e senhora, turistas de automóvel, subiram afobadamente ao escritório do Acampamento Lafayette em Nova Hampshire. Pelo telescópio de grande alcance de seu filho, o casal avistara dois jovens que faziam sinais de socorro do alto do penhasco da Montanha Cannon. Os vultos distantes, simples manchas no paredão da montanha com 1.500 metros de largura, estavam sentados numa estreita plataforma de pedra a cerca de 150

metros de altura, agitando uma bandeirinha branca.

O gerente do acampamento telefonou para a estação central do bonzinho aéreo que leva às encostas menos difíceis da Montanha Cannon, 1.500 metros ao norte do penhasco. O guia-chefe da empresa do bonde aéreo, Austin Macaulay, di-

rigiu-se logo para um ponto de onde podia esquadriñar o precipício.

O penhasco, parte do qual forma uma cara natural de pedra chamada o Velho da Montanha, é um lugar traiçoeiro para os inexperientes. Eleva-se mais de 400 metros acima do fundo da Garganta Francônia, espetacular vale em forma de V. A altura abrupta do penhasco faz dêle um dos pontos de ascensão de rocha

mais sedutores dos Estados Unidos. Mas a pedra da montanha é fraca e solta. É freqüente desprenderem-se blocos de pedra do penhasco, os quais formaram um íngreme e perigoso campo de pedras, uma espécie de talude que se estende floresta adentro, acima da estrada da Garganta. O Clube Montanhista dos Apalaches considera o penhasco da



Montanha Cannon demasiado perigoso para montanhistas amadores.

Macaulay levou quase dez minutos perscrutando a vasta expansão perpendicular, mas não viu ninguém. Não se surpreendeu com isso. Qualquer pessoa capaz de escalar aquele precipício não poderia ter deixado de avisar alguma autoridade local—regra básica de segurança em montanhismo. Macaulay voltou à companhia. Ali, por uma coincidência trágica, Newton Avery, gerente assistente, acabara de saber que uma família havia descido da estação do bonde aéreo no alto até à beira do precipício e agitara alguma coisa branca para os turistas embaixo. Os funcionários da companhia de bonde chegaram à conclusão de que fôra essa a família que os Stowes tinham visto, e foram para casa.

Enquanto isso, os Stowes voltaram à estrada da Garganta e focalizaram o telescópio sobre as duas figuras no penhasco. Com gritos e acenos, fizeram saber que já estavam sendo providenciados socorros. Débeis gritos em resposta mostraram que eram compreendidos.

—Os rapazes ficaram muito contentes ao saberem que tinham sido descobertos—disse a Sr.^a Stowe.—Comeram chocolate, falaram e riram.

Mas o sol desapareceu, sombras frias caíram sobre a encosta e nada de socorro. Os gritos longínquos vindos da montanha foram interpretados como se quisessem dizer: “Depressa! Estamos gelando!” As grandes lentes mostravam que os dois jovens estavam apenas com camisas de malha de algodão de mangas curtas e calções cáqui. John Stowe foi até ao acampamento para saber dos motivos da demora.

Mal Avery chegara à casa, um telefonema lhe deu notícia, às 18h e 45m, de que dois jovens tinham sido avistados no penhasco. Não se tratava, então, de rebatê-lo! Avery voltou às pressas no seu carro para organizar um grupo de socorro. Dentro em pouco, os homens da polícia e outras autoridades começaram a chegar à estrada do vale. Por meio de um alto-falante deu-se certeza aos dois que estavam na montanha, onde já escurecia, de que estavam tratando de socorrê-los.

Quem eram os rapazes? Havia um indício: um Chevrolet 1957 com placa do Estado de Connecticut, parado embaixo do Velho da Montanha. A polícia estadual, verificando o número do carro, descobriu que este pertencia a Alfred Whipple, de Ledyard, naquele Estado. Quando

a polícia lhe telefonou, ele disse que seu filho, Alfred, Jr., de 20 anos, e um vizinho, Sidney Crouch, Jr., de 21, tinham ido de carro para Nova Hampshire para fazerem montanhismo. Daí a poucos minutos, os dois pais corriam para o norte no carro de Crouch.

Na Garganta, a noite havia caído e a longa flecha de luz de um holofote apontava os excursionistas bloqueados. Era evidente que só montanhistas experientes poderiam alcançá-los, mas nenhum estava presente naquela noite na Garganta. Apesar disso, por volta das 20h e 30m, quatro homens, que levavam cobertores, rações e um radiotransmissor-receptor, se encaminharam pelas pedras caídas, no frouxo e precário talude. Talvez os cobertores e as provisões pudessem ser içados com as suas cordas. Chegando à base do penhasco, os homens descobriram que uma grande plataforma de pedra que se projetava a cerca de 90 metros de altura os impedia de ver e ouvir os rapazes. Não havia

às pressas um grupo de habilíssimos montanhistas e tomou o caminho da Montanha Cannon. Enquanto isso, as pessoas congregadas na Garganta estavam cada vez mais receosas. No céu formavam-se nuvens carregadas de chuva. A temperatura caíra bem abaixo dos 10 graus.

Pouco antes do amanhecer, os dois pais chegaram à Garganta. Soube-se, então, que seus filhos eram estudantes. Duas semanas antes haviam escalado o Monte Washington, em Nova Hampshire, aparentemente a única experiência que haviam tido de montanhismo. Mas o jovem Whipple, jogador de futebol e excelente estudante, lera tudo o que encontrara sobre montanhismo.

A primeira luz do dia mostrou que a Garganta estava coberta de compactas nuvens cinzentas que desciam lentamente abaixo da borda do penhasco. Pouco antes das seis horas chegaram sete experimentados escaladores de rochas. Depois de apressadamente traçarem uma rota de subida, ajustaram à cabeça os

Eis algumas regras básicas de segurança sugeridas aos que pretendem escalar montanhas ou fazer excursões pelas florestas, sugeridas pelo Centro Excursionista (ex-Centro Excursionista Brasileiro) do Rio de Janeiro:

Faça planos com um ou mais companheiros—nunca viaje sozinho.

Procure tomar informações fidedignas sobre os itinerários, o equipamento, as roupas e a experiência necessárias.

Consulte as previsões do tempo, mas esteja preparado para o pior tempo conhecido na estação e na região.

Revele os seus planos (especialmente a hora prevista para a volta) a alguém capaz de prestar-lhe ajuda caso algum contratempo o retarde. Não modifique esses planos.

Não feche nunca o caminho para a fuga e não hesite em utilizá-lo.

Se as coisas ainda correrem mal, pense bem antes de começar a andar, correr, gritar, preocupar-se ou desistir.

Quando se perder, não ande a êsmo; acompanhe sempre o leito dos córregos.

Durante uma tempestade, dentro do nevoeiro ou à noite, pare e procure ficar nas condições mais confortáveis possíveis.

capacetes amarelos como proteção parcial contra a queda de pedras, muniram-se de um rádio portátil, víveres, roupas, cordas e outro equipamento de montanhismo e partiram para o penhasco. Crouch e Whipple ainda respondiam aos chamados, mas em breve desapareceram dentro do lençol de nuvens que descia rapidamente até ao fundo do vale. Começou a cair uma chuva torrencial constante e as rajadas de vento atingiam às vezes a velocidade de 80 quilômetros por hora. A temperatura caíra para 3,3°C. Foi o pior dia do verão de 1959.

Os homens que subiam passaram cerca de 90 minutos galgando a molhada e escorregadia encosta do talude. Com os rostos e os capacetes a escorrer água, organizaram-se em três grupos ligados por cordas. A pri-

meira “corda”, formada por três homens sob a chefia de John F. Taylor, de Princeton, Massachusetts, tentaria alcançar os jovens bloqueados, levando-lhes roupas de lã e comida. Em seguida, pediriam pelo rádio o que julgassem necessário para tirar os rapazes do penhasco. A se-

maneira de fazer chegar-lhes às mãos as provisões. Transmitiu-se a má notícia pelo rádio para a estrada. Já passava muito da meia-noite quando John C. Perry, de Sherborn, Massachusetts, presidente do Clube Montanhista dos Apalaches, foi encontrado pelo telefone. Ele reuniu

meira “corda”, formada por três homens sob a chefia de John F. Taylor, de Princeton, Massachusetts, tentaria alcançar os jovens bloqueados, levando-lhes roupas de lã e comida. Em seguida, pediriam pelo rádio o que julgassem necessário para tirar os rapazes do penhasco. A se-

gunda corda, de dois homens, tendo à frente David Sanderson, de Portsmouth, Nova Hampshire, iria logo atrás para prestar o auxílio que fôsse necessário. A terceira corda levaria o que a primeira pedisse pelo rádio.

Quando Taylor iniciou a ascensão, o penhasco era varrido por impetuosos rios e cascatas tangidos em ângulo reto pelo forte aguaceiro. Caíam freqüentemente pedras que a chuva e o vento desprendiam do precipício. Em dado momento uma pedra que descia deu a impressão de um trem de carga que se aproximava, fazendo os montanhistas se lembrarem de que, havia alguns anos, um pedaço enorme da montanha, talvez com 60 metros de largura, se desprendera e caíra dos picos vizinhos. A primeira corda subia lentamente pelo paredão da montanha. Cada ponto de apoio para as mãos, cada passo, tinha de ser cuidadosamente experimentado na rocha escorregadia e coberta de liquens.

A segunda corda em breve iniciou também a ascensão. Os dois grupos, lutando palmo a palmo, passaram tôda a manhã para subir pouco mais da metade da distância até aos dois jovens bloqueados. Ali, os encharcados e exaustos montanhistas pararam debaixo da grande plataforma saliente e descansaram um instante.

"Nos poucos minutos seguintes", disse Taylor depois em *Appalachia*, publicação do Clube Montanhista dos Apalaches, "saí de baixo da plataforma saliente por um socalco em rampa diretamente para a fúria do vento e da chuva. O vento era tão forte que eu quase perdia o fôlego. Os pontos de apoio de que precisava para os pés estavam tão cobertos de liquens e tão escorregadios que o pé resvalava sempre que eu o firmava. Comecei a perder a calma."

Mas depois de estudar a rocha vertical à sua frente, Taylor empreendeu um bem sucedido ataque direto que lhe permitiu e ao seu grupo dominarem a plataforma. Logo depois, o grupo viu a segunda corda desaparecer também em tórno do obstáculo formado pela projeção de rocha.

Por volta de uma hora da tarde, Taylor gritou para os rapazes, embora ainda não pudesse vê-los. Ouviu no alto uma voz estranha, rouca, um grito constante difícil de interpretar. A impressão que lhe ficou foi de uma voz que "implorava".

Taylor continuou cautelosamente a ascensão. Cada movimento já lhe exigia o máximo de suas forças em declínio. Quando faltavam apenas seis ou sete metros, estava exausto demais para fazer uma última escalada difícil, que Crouch e Whipple haviam, não se sabia como, vencido na véspera... apenas para se verem numa exígua plataforma, da qual não se podiam mover nem para cima, nem para baixo. Enquanto Taylor descansava um momento, tornou a chamar. Um dos rapazes respondeu numa voz rouca, ininteligível; parecia não compreender que havia alguém logo abaixo dêle.

Taylor tentou, então, um novo caminho, dando uma volta. Levou quase uma hora e foi ficar cêrca de sete metros e meio ao lado e um pouco acima de Whipple e Crouch. Mas os poucos metros restantes o derrotaram. Já completamente exausto, Taylor não teve forças para executar uma difícil manobra numa corda que o faria balançar-se até chegar aonde estavam os rapazes.

Por felicidade, o segundo grupo chegava nesse momento. Sanderson ficou impressionado quando viu os dois jovens adiante. "Através do véu da neblina", disse êle depois, "pareciam vultos cinzentos entre as rochas cinzentas. Balançavam as cabeças para cima e para baixo, mas não lhes ouvi a voz."

Assumindo a posição de vanguarda, Sanderson seguiu o caminho que Taylor tentara por último. Tudo foi bem até que de repente os pés escorregaram e êle rolou pelo precipício. Spencer M. Wright estava junto com êle na corda. Wright se firmou bem e sustentou o pêso de Sanderson na corda, que estava passada por uma argola, ou *piton*, cravada no penhasco. Embora inteiramente suspenso por um instante na face da montanha, Sanderson conseguiu firmar-se na rocha e de nôvo encaminhar-se para os rapazes.

Para vencer o último trecho difícil, Sanderson deixou-se balançar na sua corda de um lado do penhasco para outro, como um pêndulo. Isso o levou a um ponto de apoio na rocha e lhe permitiu uma subida relativamente fácil de quase dois metros para o lugar onde estavam os rapazes bloqueados. Já passava muito das três da tarde.

Nem Crouch nem Whipple tomaram conhecimento de que a sua espera de 24 horas por socorro chegara ao fim. Encostados ao penhas-

co, estavam inconscientes. Haviã passado pelo corpo uma corda que, depois, amarraram a uma velha argola cravada na rocha por algum montanhista do passado. A plataforma em que estavam tinha menos de 45 centímetros de largura e 90 centímetros de comprimento.

Sanderson preparou-se para baixá-los para uma plataforma maior. Mas, nesse momento, Crouch respirou ofegantemente algumas vêzes e morreu. Sanderson prontamente amarrou uma corda em Whipple e fêz o rapaz que gemia ir descendo pelo penhasco. Os olhos fixos de Whipple estavam arregalados para os seus salvadores, que o envolveram em suéteres e um poncho. Mas quando o removiam para uma posição de maior segurança, também êle ficou imóvel e morreu daí a pouco.

O rádio todo molhado dos montanhistas deixara de funcionar e êles tiveram de descer a montanha com a trágica notícia. Deprimidos, indizivelmente enregelados e cansados depois de passarem oito horas sob a chuva e o vento do penhasco, sentiam que os seus instintos de tempo e o seu raciocínio estavam falhando e os sujeitavam a riscos temerários. "Estávamos na verdade lutando pela própria vida", disse Taylor.

No dia seguinte, seis montanhistas foram buscar no penhasco os corpos de Crouch e Whipple.

Os dois jovens haviam morrido de frio. Como conseguiram chegar ao lugar onde morreram é um mistério. Mas, uma vez ali, caíram na armadilha do mêdo e a temperatura fôra reduzida de maneira fatal pelo vento e pela chuva de 3,3°C da Garganta. Entretanto, o fato consternador a considerar é que experimentados montanhistas julgam perfeitamente possível que qualquer dêles teria a vida salva se levasse um suéter para o penhasco.

Qual a lição que se pode tirar desta tragédia? Whipple e Crouch não eram rapazes precipitados e imprudentes; eram ambos conhecidos como sensatos e equilibrados. Mas, no seu entusiasmo, esqueceram que a Natureza pode ser sinistra e dura ao mesmo tempo que bela e aventureira. A sua comovente morte mostra de maneira dramática que os principiantes que entram nas florestas e montanhas devem armar-se de prudência e de um salutar respeito pelos perigos possíveis.



A Erupção de 1761

Faz agora duzentos anos, por estes dias, que a gente da Terceira passou por uma das maiores provações que tem experim'ntado. Embora na maior parte da ilha pouco tivesse havido a lamentar além do susto, este realmente não foi pequeno.

Sucedeu então a única erupção vulcânica que tem havido dentro da ilha, desde que ela é povoada. Uma erupção vulcânica, como ainda há pouco a gente do Faial tirou a triste experiência, é uma calamidade apavorante. Além dos prejuízos que ela causa, com os abalos de terra que a acompanham, com a queda de cinzas e as correntes de lava, o pavor que se apodera da gente mais timorata é tremendo. Isso só por si já constitui motivo para se considerar uma erupção como a mais temerosa catástrofe que pode cair sobre uma terra. Que Deus nos livre disso.

Como é usual, a erupção foi precedida de fortes abalos de terra que começaram a 22 de Setembro de 1760 e se foram prolongando com maior ou menor intensidade e frequência pelos meses seguintes, mantendo a população da ilha debaixo de um grande

susto. E não era para menos, se atentarmos em que estavam ainda bem presentes na lembrança de toda a gente, as notícias do grande terramoto que destruiu a cidade de Lisboa no ano de 1755 e do outro que dois anos mais tarde arrasou parte da vila de Calheta, em S. Jorge, e algumas povoações por ali perto.

O receio e o susto tornaram-se em pavor, quando no dia 14 de Abril de 1761, uma terça-feira, a terra começou a tremer quasi sem parar e

por vezes com bastante violência. Estes abalos de terra foram, como hoje a experiência nos ensina, o sinal de estar imminente uma erupção vulcânica. Os relatos conhecidos, desta erupção, sucedida aliás em tempo bastante recente, são muito escassos em pormenores, mas é de supor que não terá sido apenas o susto aquilo que flagelou a nossa gente. Decerto que nas freguesias mais próximas da área onde rebentou o fogo, como então se dizia, ou seja nas Quatro Ribeiras, nos Biscoutos e nos Altares, bastantes casas e

palheiros devem ter sofrido com esses abalos. E para notar, no entanto, que, ao contrário do que acontece com os abalos que não são de origem vulcânica, os quais se sentem com violência mesmo em lugares bastante afastados da sua origem, como ainda há pouco se viu com os abalos que houve nas Lajes e em S. Brás, estes abalos de 1761 tinham os seus efeitos circunscritos a uma zona muito restrita e muitos deles nem sequer seriam sentidos nos Biscoutos, muito menos ainda na cidade ou na Praia.

O que é certo é que, na sexta-feira, dia 17, os abalos diminuíram de intensidade e frequência, e logo houve quem viesse à cidade com a nova de que havia rebentado uma erupção entre os Picos Gordos e a Serra de Santa Bárbara. O local exacto desta primeira explosão, que pouco durou, vem assinalado num relato pouco conhecido, mas que deve ser exacto, de Luís António de Araújo, como sendo o Vale Fundo, nome pelo qual ainda hoje é conhecido um grotão que desce do flanco da Serra de Santa Bárbara, acima da Lagoa do Negro. Ali se encontra um montículo de escórias, negras, a um quilómetro aproximadamente da lagoa, em terreno cuja altitude anda por 600 metros. Esta primeira fase da erupção durou poucas horas e os relatos não falam de notável expulsão de cinzas ou colunas de gases.

O que os narradores referem são os estrondos subterrâneos, como descargas de artilharia grossa, sinal de que lá por baixo ia continuando o tumultuar da lava em efervescência.

Passados quatro dias, a 21 de Abril, foi a erupção rebentar quasi tres quilómetros para leste do lugar onde primeiro se tinha dado, formando os picos hoje chamados, do Fogo e das Caldeirinhas. Luís António de Araújo, homem erudito, deixou uma breve narrativa desta erupção, escrita quarenta anos mais tarde com informações que colheu. Araújo não pretende dar qualquer explicação desta mudança. Um outro narrador, seu contemporâneo, com mais pretensões, alarga-se em mais pormenores e explica a seu modo o caso, dizendo que no inter-

valo entre as duas erupções veio o fogo por baixo do chão arrojando a terra até ao sítio do mistério velho e aí fez nova explosão. Assim se exprime José Acúrcio das Neves nos seus *Entretimentos cosmológicos*. Drummond que dele tirou as informações que escreveu nos *Anais da Terceira*, não entendeu, como nós também não entendemos, o que é que queria dizer José Acúrcio com aquele arrojado da terra por baixo do chão, e resolveu a dúvida dizendo que veio o fogo revirando a terra lentamente até o sítio do mistério velho.

A verdade é que o fogo nem teria atrojado, nem revirado a terra entre os dois lugares onde a erupção rebentou. Quer a erupção no Vale Fundo, quer a do Mistério Velho, surgiram no extremo de duas ramificações de uma chaminé profunda por onde a lava veio subindo. A boca do Vale Fundo foi prontamente entulhada por abaxamento da pressão que a abriu. Quando novo paroxismo fez crescer de novo a pressão, os gases, cinzas e escórias encontraram menor resistência na ramificação que veio a abrir caminho cá para fora no Mistério Velho.

Esta segunda erupção durou oito dias. Na sua fase inicial diz Acúrcio das Neves que lançou ao ar com pavoroso estampido, pedras de extraordinária grandeza e copiosos chuviscos de areia que abrangeram quase toda a ilha. Junto ao foco, diz o mesmo autor, se formou um pico de mediana grandeza, todo composto de escórias vulcânicas e ao redor deste outros montículos mais pequenos, compostos das mesmas matérias. A freguesia dos Biscoutos ficou deserta, porque todos abandonaram as suas casas...

Esta mesma segunda explosão, continua o mesmo autor, produziu três correntes de lava, uma que se dirigiu para SE em direcção ao Chama, outra para o Norte com uma ramificação que foi até ao Tamujal, e a corrente principal foi até à freguesia dos Biscoutos, onde penetrou, sem contudo atingir o mar, destruindo ainda vinte e sete casas.

Não morreu ninguém, pois todos tiveram farto tempo de se porem a salvo. A corrente de lava era vagarosa, como aliás acontece mesmo quando o escoamento se dá por terreno com certa incli-

nação. O povo amedrontado fez preces e procissões ao local do fogo. Destas manifestações de piedoso temor se conservam ainda hoje tradições vivas. Uma ermida foi erecta por promessa do dono do Tamujal no local onde parou a lava. Infelizmente este pequeno monumento foi recentemente demolido. Diz-se também que o povo acendia as tochas na lava, quando se apagavam. Isto é que é mais difícil de aceitar por quem já esteve mesmo junto de lava a brotar duma fenda, como nos aconteceu há anos no Vesúvio. A lava aparece rubra, mas logo escurece assim que entra em contacto com o ar, continuando po-

rém a correr como lama grossa. Só de noite é que a lava aparece vermelha. Mas não é de crer que se possa ali acender uma tocha, pois não há chama. Aliás o calor desprendido da lava é tão grande que se lhe aproximassem uma tocha, ela não se acendia, derretia-se.

Uma visita ao local da erupção de 1761 deveria constituir atracção recomendável a turistas que sintam curiosidade por manifestações vulcânicas. O Pico do Fogo foco principal da erupção fica a menos de mil metros à direita do cruzamento das estradas que dos Picos Gordos conduzem aos Biscoutos e aos Altares. A lava eleva-se, bem patente, acima do pasto à volta e atravessa um pouco mais de um quilómetro abaixo, a estrada que vai para os Biscoutos. E ali perto, para o lado oposto existe a Lagoa do Negro, acessível por estrada. De lá se pode ver o local da primeira explosão.

Desta erupção de 1761 não abundam pormenores que seriam muito úteis aos estudiosos. A narrativa deixada pelo vigário dos Biscoutos e registada no Livro do Tombo da Misericórdia de Vila Nova desapareceu. Outras referências haverá talvez em registos de outras freguesias, possivelmente das mais atingidas pela queda de cinzas que terão sido talvez Altares, Quatro Ribeiras, Agualva e Vila Nova".

(Palestra proferida pelo tenente-coronel JOSE AGOSTINHO no RCA e reproduzida no jornal "A UNIÃO", de 1 de Maio de 1961)

GRUTAS E ALGARES DOS AÇORES (25)

- ILHA TERCEIRA -

GRUTA DO CHOCOLATE

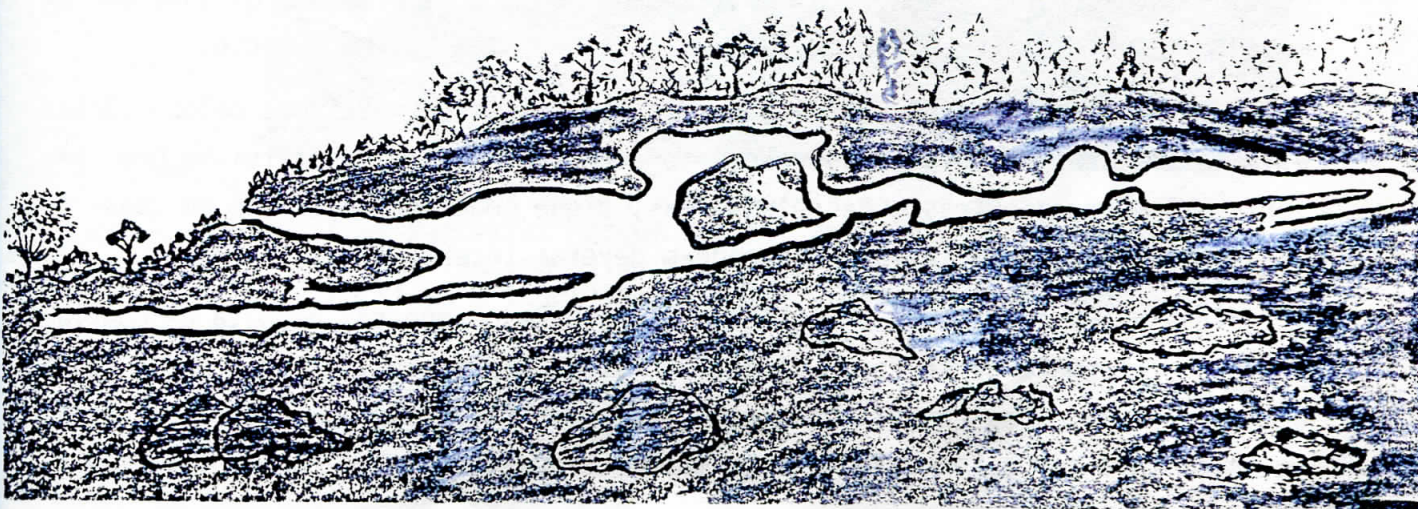
A GRUTA DO CHOCOLATE, o mais recente tubo lávico descoberto e explorado pelos MONTANHEIROS na Ilha Terceira, tem um comprimento total de 109,7 metros, variando as alturas, no seu interior, entre os 0,50 e os 6,20 metros, e as larguras entre os 0,40 e os 3,60 metros.

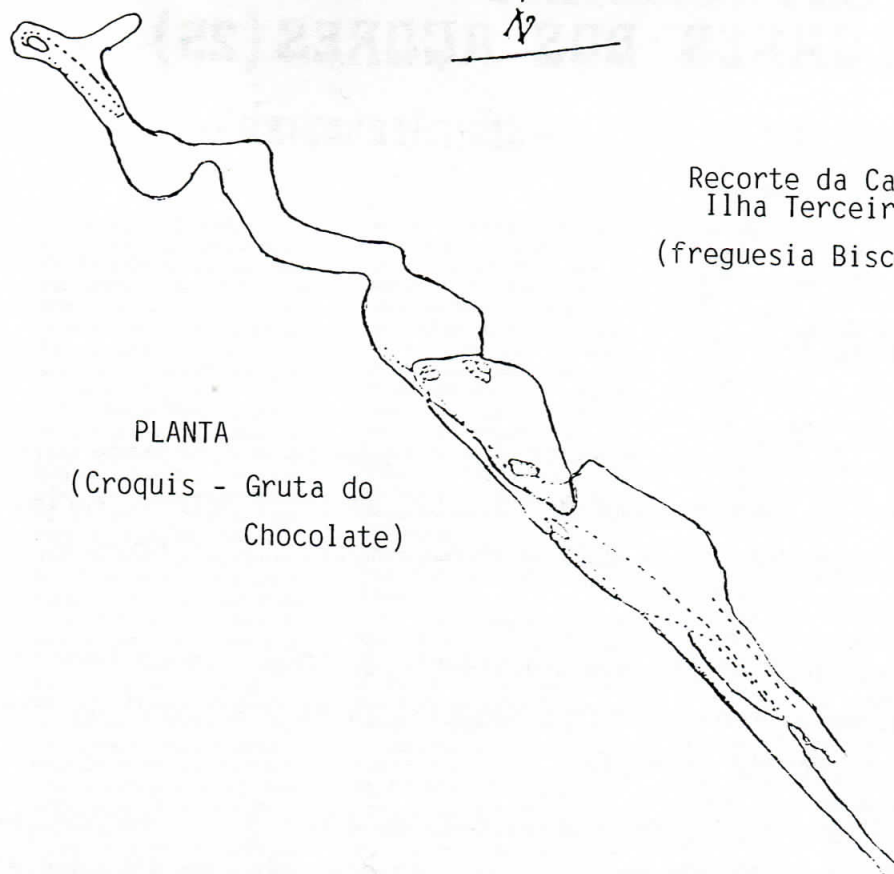
Fica situada abaixo da Branca Opala, a uma distância de 10 metros do caminho secundário de acesso e a uma centena de metros daquela, já na área rural da freguesia dos Biscoitos (Ver recorte do Mapa).

Pertence à corrente de lava do Pau Velho (erupção de 1761) e é o melhor exemplar de tubo lávico da ilha, no que concerne às formações típicas das grutas vulcânicas.

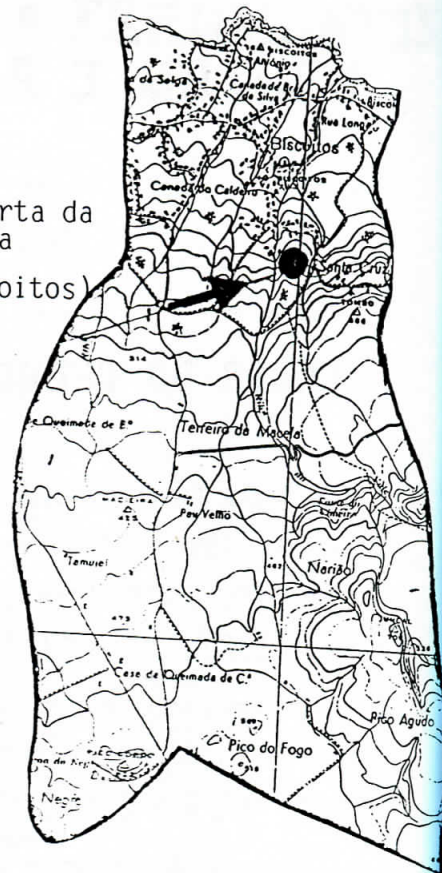
A entrada, uma pequena abertura de 40x40 cm, é feita por uma galeria secundária e, à data da sua descoberta e primeira exploração (1987), estava coberta com muita vegetação e parcialmente entulhada com uma raiz de uma árvore e terra, mas foi possível proceder ao alargamento suficiente para permitir a penetração dentro da gruta e em qualquer eventualidade, poder-se-à alargar mais.

A gruta desenvolve-se paralelamente ao caminho, no sentido Sul-Norte, verificando-se, em certos troços, a existência de camadas de lava de cor vermelho vivo, e noutros troços cor castanha tipo massa de chocolate, daí a designação de GRUTA DO CHOCOLATE.





Recorte da Carta da
Ilha Terceira
(freguesia Biscoitos)



A primeira parte da Gruta tem uma coloração encarnada até um terço da respectiva altura, provavelmente em consequência de oxidação proveniente de chaminé aberta para o exterior aquando da queda da lava na gruta. Não apanhando oxigénio fresco, esta lava toma uma cor azul, metalizada e esmaltada (quase parecendo vidro). As cores esmaltadas, em regra, são pequenos sedimentos que as águas introduzem na gruta; costumam ter cor avermelhada ou amarelada, dependendo da percentagem de ferro e também da refração provocada pela incidência da luz (é o chamado "ouro artificial" das grutas, que também se pode observar nesta).

No tecto da gruta, existem diversas estalactites de basalto, irregulares, em cujo aspecto e formação entraram em linha de conta a temperatura da lava que no momento passava na gruta e os gases que se libertavam contra o tecto.

Na sala de entrada, existem 3 galerias sobrepostas, provocadas pelos vários estrangulamentos de lava no seu percurso dentro da gruta. Constitui-se uma galeria principal e outras duas secundárias, o que pode ser observado em quase toda a extensão do tubo lávico, tornando-o deveras interessante.

Julga-se que o facto da existência de 3 tubos sobrepostos resulta da configuração do terreno onde se formou a gruta. Aliás, a principal galeria foi sendo objecto de vários estrangulamentos, causados por materiais que obstruíram a corrente de lava com a formação de novo tubo sobreposto, uma vez que a lava continuou a sua progressão.

2

A primeira das galerias é formada por um dreno através de uma cavidade no tubo principal, do tipo afundimento. É um estreito e baixo tubo com pavimento tipo "aa". As paredes e tectos são ricos em estruturas de refusão. Há também uma formação (miniatura de um tubo lávico) que mostra como se forma um tubo de lava.

Por cima da primeira galeria existe outra, na extensão do tubo principal.

Uma terceira galeria ocorre por cima da 2ª e alcança a entrada da gruta.

Quarenta metros para montante, há um grande bloco de pedra lávica, arrastado pela corrente de lava e recoberto por esta. Designa-se por "o ovo". A pedra ficou entalada, começando a lava a passar-lhe por cima, esmaltando-a. A passagem neste sítio ficou bastante estreita e de difícil acesso a pessoas corpulentas, tendo de ser feita rastejando sobre lava "pahoehe".

Deste facto e de outros relativos a esta GRUTA DO CHOCOLATE se poderá tomar contacto ao consultar os arquivos de OS MONTANHEIROS, os quais procederam no dia 3 de Novembro de 1990 ao registo videográfico deste interessante tubo lávico e da respectiva progressão no seu interior da equipa de filmagem, e que foi exibido na sessão solene de 1 de Dezembro de 1990, comemorando o 27º aniversário desta Sociedade.



Exploradores da Gruta do Chocolate em 8 de Março de 1987
Luis Parreira, Manuel Aguiar, António Goulart, Francisco Borba, Idalina Oliveira, Marta Oliveira, Margarida Silva, Patrícia e Isabel Borba, fotografados por Fernando Pardal.



RECORTES DO ALBUM

"A UNIÃO" - 14 DE JULHO DE 1970

Ainda o Algar do Carvão

Sendo eu um excursionista da viatura n.º 2, lugar n.º 33 partimos de Angra no dia 28 de Junho às 10 horas da manhã, com rumo ao admirável Algar do Carvão levando 40 minutos.

Quando lá chegámos, houve uma pequena demora, demora essa que não podia deixar de ser porque os senhores Montanheiros tiveram de preparar os lugares para que os excursionistas pudessem apreciar as belezas naturais que lá vão!

É um subterrâneo admirável, com encantos por todos os lados, pedras de todas as cores, que nos apresenta um autêntico Presépio. A sua abóbada é comparada à abóbada Celeste. Para chegarmos até à lagoa, tivemos de descer 365 degraus, tantos como dias tem o ano. Quando lá chegámos ao fundo, vimos a magnífica lagoa onde já lá estavam alguns senhores Montanheiros com uma jangada às ordens de quem quizesse navegar para melhor se poder apreciar aquelas imensas grandezas!

Como gosto imenso de apreciar as obras da Natureza e como conhecia um senhor Montanheiro que estava na jangada, lá me expus a navegar.

Sei que os leitores não poderão adivinhar quem é o simples escritor deste rascunho, só quando eu assinar o meu nome no fim. Já sou de madura idade e sou neto de avós paternos que gostavam muito de cantar as modas regionais, e também sou neto de avós maternos que então para cantarem de improviso isso era com eles. De forma que eu sendo neto de improvisadores, também gosto de dizer às vezes umas cantigas da minha pobre autoria, porque sinto girar em minhas veias o sangue dos meus antepassados. Como já acima disse, eu conhecia o senhor José Jorge, tripulante da jangada e chamei por ele dizendo-

-lhe: Senhor José Jorge!
Vou fazer-lhe agora uma quadra! Ele disse-me logo que era todo ouvidos.

*Louvo os senhores Montanheiros
E esta água cristalina
Por terem sido os primeiros
A ampliar obra tão fina.*

Fui dos primeiros a deitar pé na jangada e então disse outra quadra, comparando a jangada com uma barca.

*Oh barca de S. Luís!
Aqui tens os remadores.
E que Deus faça feliz
A justos e pecadores.*

Depois de apreciar todas aquelas maravilhas da Natureza, voltei a subir os 365 degraus, onde falei com um senhor sacerdote, ou seja, o senhor Padre Leonardo. Falámos sobre aquelas grandes maravilhas naturais bem dignas de serem apreciadas

Pedi-lhe se ele me dava licença de lhe dizer uma quadra. Ele respondeu-me que seria para ele grande satisfação, e como ele vai algumas vezes celebrar Missa à Ermida do Desterro, e todos os paroquianos daquela zona gostam imenso de o ouvir pelo seu dom de palavra e pelo seu desembaraço, eu então dirigi-lhe esta quadra:

*Oh inteligência expandida
Que neste momento louvo
A vossa presença na ermida
E a alegria do povo!*

Ele agradeceu-me sorrindo, e separa-se de mim. No entanto fui almoçar por já sentir um roedorzinho no estômago.

De momento volto a ver o senhor Padre Leonardo e ofereci-lhe em quadra para que almoçasse comigo:

*O almoço é meu e seu
Dá para os dois de certeza
Pois Cristo também comeu
Com seus discípulos à mesa*



por serem obra do Criador.

Depois, em ar de gracejo o senhor Padre alcinhou-me de poeta, é claro, em brincadeira, pois que de poeta estou tão distante como o Sol da Lua. Sou apenas um rude trabalhador.

Depois, regressando a casa, vinha inspiradíssimo pelas belezas que tinha visto, e então voltei a escrever mais estas simples quadras que se seguem:



A lagoa está gravada
Na minha imaginação
Parece-me comparada
Com o rio de Jordão

É comparada, está visto,
Com o rio de Jordão
Aonde João batizou Cristo
E Cristo batizou João.

Depois Cristo erguendo a voz
Perguntou-lhe de bom grado
Diz-me João, qual de nós
Está mais bem batizado?

Diz João, cheio de luz,
Fomos como dois irmãos*
Sou eu, bendito Jesus,
Pelas vossas sagradas mãos

Eu recebi graças tantas
Nesta hora abençoada.
Ao pé das vossas mãos santas
As minhas não valem nada

Pois a lagoa é bela!
Eu nunca esperava tal.
Que grandeza é aquela,
Nosso Pai Celestial?

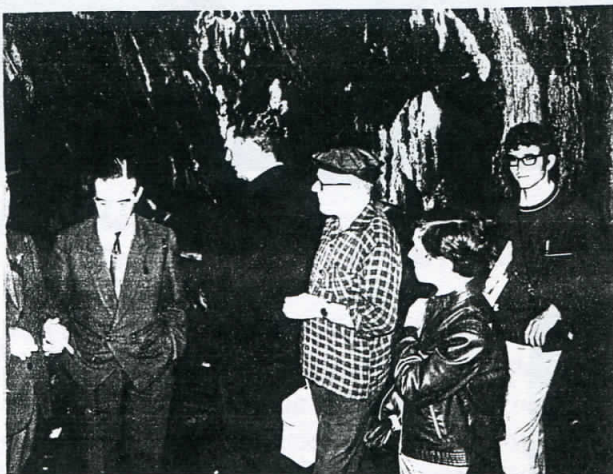
Aquelas gotas divinas
Que chovam constantemente,
São as pérolas cristalinas
Das mãos do Omnipotente!

Pois os senhores montanheiros
Muito a têm ampliado
Tais valentes companheiros
Seus nomes estão dando brado.

É pena os degraus não serem
De mais forte material.
Para tal precisa terem
Ao seu dispôr capital.

Montanheiros arrojados
Com valentia de sóbra
Mas devem ser ajudados
Nessa magnífica obra.

Tudo isto pode arrajar,
Fazer-se trabalho novo.
Precisava cá voltar
Esse grande homem do povo.



Presidente do Conselho,
Em vós temos confiado.
Sois o magnífico espelho
Do nosso Portugal sagrado.

Senhor de alto pensar
E de honrosa divisa.
Dê auxílio ao nosso algar
Na obra que ele precisa.

Para que haja bons fins
O povo em vós espera
Tal qual como os jardins
Esperam a Primavera.

A vossa vinda aos Açores
Foi p'ra nós grande alegria
Até mesmo as próprias flores
Por vós sentem simpatia.

Abraçáveis velho e novo
Nas leis do santo concílio.
Por tal gesto, o nosso povo
Espera o vosso auxílio.

A Terceira tem nobreza
Para quem pensa afinal.
E ela a mais portuguesa
Das ilhas de Portugal.

Este meu torrão sagrado,
Esta ilha de nobreza,
Mais duas vezes lhe é dado
O nome de portuguesa.

Tem fama de lés a lés
Esta ilha açoriana.
Viu de rastros aos pés
A bandeira castelhana.

Viu os leões de Castela
Sucumbir na sua frente.
Ilha heróica, ilha bela,
Não há como a nossa gente.

Agora vou terminar,
Perdoai-me por favor.
Só vos tenho a expressar
Que esperamos em vós, senhor.

João Teixeira de Sousa
Turlú





Após o povoamento dos Açores, apenas em 1761, e no espaço de quatro dias, se verificaram erupções vulcânicas em solo da ilha Terceira (Ver "Fragmentos", neste número de "PINGO DE LAVA").

Depois de uma primeira erupção (17 de Abril), outra teve lugar a 21 do mesmo mês, e justamente na área a que a foto acima alude, deixando os respectivos vestígios nos cones vulcânicos aí existentes, e nas várias grutas que se estendem sobretudo para norte.

O sítio por onde rebentou o "fogo" formou precisamente o Pico do Fogo, de saudosa memória, já que a insensatez humana (poderia ter sido desmontado outro cone de bagacina, sem história conhecida) fê-lo desaparecer, desconjuntando-se a estrutura envolvente, onde ainda sobrevivem (até quando ?) o Pico Vermelho e o Pico das Caldeirinhas. DESOLADOR ...

Louve-se a decisão dos Serviços Florestais em ter posto fim à acumulação de lixo existente na área, com o encerramento da estrada de acesso.

E quem impede a (já começada) destruição do Pico Vermelho ?

PINGO DE LAVA

ÓRGÃO INFORMATIVO DE "OS MONTANHEIROS"
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO – Rua da Rocha, 6/8
9700 ANGRA DO HEROÍSMO – TERCEIRA/AÇORES
TELEFONE 22992

— DISTRIBUIÇÃO GRATUITA —

